



OS ORIXÁS DANÇAM NO PLANALTO CENTRAL

Por Jô Abreu

Colaboradores:
Walmir França
E Ana Oliveira


MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES


UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Brasil - Brasília - DF - 2005

OS ORIXÁS
DANÇAM
NO PLANALTO
CENTRAL

OS ORIXÁS
DANÇAM
NO PLANALTO
CENTRAL
Por Jô Abreu



MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Brasil – Brasília - DF – 2005

Presidente da República - Luís Inácio Lula da Silva
Ministro da Cultura – Gilberto Gil
Fundação Cultural Palmares:
Presidente – Ubiratan Castro
Diretora de Patrimônio Afro Brasileiro – Maria Bernadete Lopes
Diretor de Promoção, Estudos, Pesquisa e Divulgação da Cultura Afro Brasileira – Zulu Araújo

A Equipe da Diretoria de Promoção, Estudos, Pesquisa e Divulgação da Cultura Afro Brasileira é composta por:

Diretora Substituta – Conceição de Maria E. Barbosa
Gerente de Informação, Promoção e Divulgação - Ivonne Ferreira
Gerente de Projetos – Ialê Mello
Secretária – Naiara Fernandes
Técnica de Programas e Projetos I – Leila Calaça
Assistente Operacional – Elissandra Anjos
Auxiliar Administrativo – Hermeson Martins
Estagiários – Marlene Rocha e Antônio Carlos Veras de Brito

© Copyright 2005 – Fundação Cultural Palmares

Tiragem: 1.000 exemplares – 1ª Edição - Venda proibida

Elaboração, edição e Distribuição: Fundação Cultural Palmares,
CNPJ: 32901688/0001-77; SBN q. 02, Edifício Central Brasília – Brasília –DF
CEP: 70040-904; <http://www.palmares.gov.br> tel. 61. 34240105

Concepção Gráfica: Pedro Lex
Tradutor: Alexandre Silva
Fotos: Luís Antônio e Pedro Lex
Revisão: Ivonne Ferreira

Obs. Os textos não refletem necessariamente a posição do Ministério da Cultura e da Fundação Cultural Palmares.

Al 62o Abreu, Joaquina Vieira de
Os Orixás dançam no Planalto Central / Joaquina Vieira de Abreu. – Brasília : Fundação Cultural Palmares, 2006.
70 p. : il.

ISBN: 85-7572-005-8

I. Antropologia – Brasil. 2. Religiões Afrodescendentes – Distrito Federal 3. Religião – Pesquisa. I. Abreu, Jô. II. Título.

CDU: 39: 299

Os Orixás Dançam no Planalto Central

Apresentação.....	13
A Dança dos Orixás.....	15
A Cidade Avança sobre os Terreiros.....	19
Federação.....	21
Pais, Mães, Doté e Baomi.....	23
Os Xirês.....	27
Axés e Fundamentos.....	31
Boiadeiros.....	33
Os Assentamentos.....	35
Cerimônias Fechadas.....	37
Paramentos e Vestimentas.....	39
Quem é e onde está o povo de santo?.....	41
Quem são os orixás.....	43

The Orishas Dance at the Planalto Central

Preface.....	55
The orishas' dance.....	57
The city steps over the terreiros line.....	61
Federation.....	63
Pais, mães, doté and baomi.....	65
Xirês.....	69
Who and where are the people of santo?.....	73



Foto: Luís Antônio

Agradecimentos

Os ensinamentos contidos neste ensaio foram obtidos com os babalorixás e ialorixás citados abaixo. Os erros deverão ser creditados aos pesquisadores.

Gabriel de Oxalá, Carmem de Angorô, Dofonitinha de Obaluaê, Aurélio de Oxossi, Joel de Oxalá, Marcos Omolocô, Juarez de Oxalá, Toninha de Xangô, Wanda da Oxum, Oiá Dagã, Cícera de Oiá, Rui de Oxalá, Lilico da Oxum, Antonio de Oxossi, Paulo Ogum lara, Railda da Oxum, Francisco de Iansã, Marinalva de Légua Boji, Jô de Iansã, Abadia de Ogum, Jorge de Oxossi e mais a ekede Fafá de Omulu, Mãe Rai de Oxum, e todos os irmãos e irmãs de santo que encontramos nos xirês e giras desta vida.

Nossos agradecimentos, também, às autoridades da Fundação Palmares a quem devemos a realização da pesquisa:

Ministro da Cultura – Gilberto Gil
Presidente da Fundação Cultural Palmares – Ubiratan Castro
Diretora de Patrimônio Afro-brasileiro – Maria Bernadete Lopes
Diretor de Produção, Estudos, Pesquisa e Divulgação da Cultura Afro-brasileira – Zulu Araújo
Diretor Substituto – Marco Antônio Evangelista



Foto: Luís Antônio

Apresentação

Nas pranchetas em que Brasília foi concebida não havia lugar para os Orixás. Afinal, o materialismo, ou funcionalismo e o futurismo não combinavam com encanto e magia. O Brasil Central haveria de ser ocupado pelas maravilhas do progresso, pelo aço e pelo concreto armado. Os geniais arquitetos nem ousavam suspeitar que Ogum e Nanã estavam nestes elementos. Para não sermos injustos, os criadores da cidade cederam a alguma religiosidade, a das púrpuras cardinalícias. Aços e vidros se ergueram em catedral para celebrar as previsões de Dom Bosco. Mas os Orixás não moravam lá.

Uma cidade concebida deve ser construída pois os aços e vidros não se ligam espontaneamente. É o trabalho humano que os faz palácios e edifícios. E assim, no coração e nas mentes dos pioneiros vieram os Encantados. Esta não é um história nova. Durante séculos de povoamento do Brasil pelos deportados da África, cada um daqueles homens e daquelas mulheres nada trazia de seu na viagem para a escravidão. Corpos nus, ornados apenas de correntes traziam, no entanto, dentro de si a memória de seus povos originários, a devoção aos seus ancestrais e o seu próprio Ori, a cabeça, a porção de divindade que habita em cada um de nós. Eles trouxeram consigo os Orixás, os Vodus, os Inquices. E assim também fizeram os candangos.

Cada pedreiro, caçambeiro ou marceneiro foi portador de sua cultura e de sua religiosidade. Construíram a cidade-avião, a cidade-piloto. Não houve lugar para eles nesta cidade-monumento, quanto mais para os seus Orixás. Era inaceitável um Candomblé na L 4 ! Foram todos para o entorno, assentaram seus fundamentos e floresceram. De lá eles cultivam o Axé da Capital da República.

Este livro é um testemunho da presença dos Orixás no Planalto Central. Eles estão, com o povo, no coração do Brasil.

Ubiratan Castro de Araújo
Presidente da Fundação Cultural Palmares

A Dança dos Orixás

Quase todo o sábado, no Planalto Central, local que se convencionou chamar de centro do poder no Brasil, treme um adjá, ecoa um gã e os atabaques tocam seu som de unir o céu com a terra. É um xirê que se inicia. É o momento de os orixás, os inquices, os santos, as entidades virem para a terra se confraternizarem com os mortais.

A língua é trocada: em vez do português, os santos, como são chamados, comumente, os orixás, pedem a mudança das falas ao ioruba. Todos cantam oros e orikis em ioruba e o oceano some, deixando de ser um empecilho para que o continente africano se encoste no Brasil. Então, um só povo canta e dança na prece holística jamais criada, com corpo e cabeça, pés e histórias de vida que se cruzam entre guias, panos da costa, água, vela, roupas de baiana, tamancos brancos e transes que só uma boa e saborosa comida no final do xirê poderá eliminar dos corpos para trazê-los de volta à realidade cotidiana.

É o Candomblé, é a Umbanda, é o Léguas-boji, é o Omolocô, são as religiões afro-descendentes trazendo os orixás para dançarem no Planalto Central, com toda a exuberância de seus paramentos, de suas vestes, de sua enorme força espiritual manifesta.

Como essas religiões, trazidas tão antigamente por navios negreiros aportados na Bahia de São Salvador, chegaram ao Planalto Central onde deveriam imperar apenas a tecnoburocracia, a política dos homens do poder e a formação das regras e leis que conduzem o país Brasil?

Vieram nas malas, nas matulas, nos bagageiros dos aviões e ônibus, no coração e nas cabeças, na insegurança do movimento dos transportes, na instabilidade das moradias, no silêncio das saudades, nas moléstias dos viajantes, na dor que une a todos no que há de mais forte no ser e que define a própria humanidade: a necessidade de Deus. Chegaram, pode-se dizer, que há mais ou menos quarenta anos, no espaço definido como Brasília e Entorno. Estabeleceram-se como terreiro de Candomblé ou casa de Umbanda, ou mesa de Jurema. E já chegaram em busca de registros em cartório e na “Federação do Paiva” fugindo das perseguições policiais, das intransigências religiosas, dos preconceitos.

A herança do medo da repressão ao seu culto, carregada na mudança. A Umbanda, o Candomblé são tocados à noite. Muitos templos se estabeleceram em quatinhos, em barracões feitos de resto de madeira e tapume das construções da nova capital. Registrar-se como sociedade religiosa beneficente e cultural livrava, embora nem sempre, os templos humildes de serem atacados pela polícia, de terem seus cultos impedidos, suas oferendas maculadas, suas festas interrompidas.

Os barracões foram construídos por seus líderes espirituais, os zeladores de santo, como gostam de ser chamados, embora todos eles sejam conhecidos e respeitados como pais e mães de santo. A explicação para o gosto vem da certeza de que não são pais de seus orixás, inquices, entidades. Zelam pelo culto deles, multiplicando seus seguidores, preservando suas tradições e raízes.



Foto: Luís Antônio

Pessoas de vida dura, de dedicação indescritível. Vida que quanto mais conta anos, mais adquire quefazeres; quanto mais sobe na hierarquia firme e pesada, mais se toma de funções vergadas pelo chicote dos ebós, das criações de novos filhos, do esforço dos sacrifícios, das oferendas. Do corpo todo entregue ao orixá no transe, na dança, no cansaço e no repouso das obrigações no ronco.

É voz comum que quase todos os pais de santo, em algum momento, fugiram do sacrifício predito, às vezes, ainda na infância, ou no início da juventude: “Essa menina vai ser uma rainha! Vai ser uma ialorixá muito famosa.” Os profetizados, prevendo as discriminações, os sacrifícios impostos pela religião correm, se escondem, vão para as igrejas cristãs, vão para longe das religiões, para a vida agnóstica. O “santo”, o orixá, o inquice, o caboclo, a Padilha, a cigana vão buscá-los. Trazem-nos de volta. O terreiro é sina e ninguém foge de seu destino.

Alguns se entregam placidamente ao caminho do santo. A doença, os males da vida e até a incompatibilidade entre os estudos teológicos convencionais, os problemas os vencem e eles vêm cordeiros. Nem todos. Uns rebelam-se. Recebem sinais, procuram outros sinais.

Foi assim com Railda da Oxum. Negra bonita, rica de formosura. Foi até miss no Rio de Janeiro, na juventude de seus dezessete anos, muitos janeiros atrás. Depois do ronco, de períodos de obrigações e de sacrifícios foi coroada bem aqui no Planalto Central.

No dia 1º de dezembro de 2004, recebeu o título de cidadã honorária de Brasília, dado pela Câmara Distrital, completando a profecia que a fazia famosa e rainha, a única ialorixá nascida de um barco de oito pessoas levadas para a iniciação no Candomblé.

O terreiro de Railda da Oxum nasceu da pedra de Xangô a quem ela se prometeu na peneira de búzios de Mãe Menininha do Gantois, exigida por ele. Coincidência? O terreno comprado por seu segundo filho de santo, para presenteá-la, ao preço de cento e quarenta cruzeiros (moeda da época) e em quarenta prestações, promissórias assinadas de trinta e três cruzeiros e setenta e cinco centavos, era pedra pura. Pedra e cobra. Cobra e pedra. As pedras foram usadas na construção. As cobras testemunham a história até hoje, mumificadas no quarto de Oxumaré, entidade africana que é representada por uma cobra, baila como uma cobra e une céu e terra num enorme e resplandecente arco-íris.

A chácara comprada era só pedra, mas por baixo dessa pedra o filho generoso avaliou uma terra muito fértil e com água farta. O chão era sagrado e a vida da ialorixá tão comprometida que Ogum veio lhe fazer uma vista e prometeu-lhe ajuda para a construção.

Chegou na figura de um negro de quase dois metros de altura. Mal vestido, apresentou-se no portão da chácara quando ela despachava uma farofa para Exu perguntando-lhe se podia entrar. A moça disse que sim. Era muito nova ainda. Vinte anos. Assustou-se, mas permitiu a entrada e o levou para tomar o copo d’água pedido. Durante todo o caminho o estranho cantou “Ogum Oiá/ Ogum oiá é de Menê. /Ogum Oiá é de Menê/ Oiá Oiá é de Menê.

Só depois, inesperadamente, a ialorixá ficou sabendo, por um outro pai de santo, que Ogum a tinha visitado.

Por obrigação, Railda passou a lhe dar um pote de água na linha do trem e a sacrificar, ali, um galo em sua homenagem e em agradecimento.

Após tantos sinais, tantas profecias, que fazer senão seguir o destino? Abriu casa, construiu o seu enorme barracão, do jeito que o Ogum pedira e sob o manto da vaidosa orixá Oxum continua seu trabalho no Planalto Central, chamando os santos para a dança, atendendo a filhos aflitos, abrigando filhos na penúria, caçando empregos para uns, caçando fé e esperança para outros, iniciando novos seguidores.

As experiências são ímpares e semelhantes a um só tempo. Cícera de Oiá, ialorixá do Ilê Axé de Oiá iniciou-se ainda menina. Começou seus transe na Umbanda recebendo a “Cabocla Jurema” no terreiro do pai estabelecido em Sobradinho, ainda na década de 60. Nunca teve vida normal de menina ou moça. Os caminhos sempre entremeados pelos sacrifícios do sacerdócio vivendo as incompreensões dos que a cercavam e o amor dos que vinham lhe pedir auxílio para as mazelas espirituais.

Tanto fez e tanto se dedicou que recebeu o terreiro de herança do pai. Ele mesmo veio de Recife onde recebia o “Caboclo Gentil”. Brasília, na época, final da década de 50, era o Eldorado em que se encontravam uma vida melhor, trabalho garantido, casa para morar, esperanças. Veio para Brasília em busca de trabalho na nova capital, mas o caboclo queria o sacerdote e ele teve que voltar à sua Umbanda.

Começou a atender, então, num quatinho da residência em que vivia com a mulher e oito filhos. Tocava pra seu caboclo na área residencial mesmo e registrou a casa. Para evitar transtornos seus cultos nunca ultrapassavam a meia-noite. O quatinho ficou muito pequeno e ele construiu, no quintal, o seu barracão e, por fim, comprou a Área Especial nº 9, em Sobradinho, da qual, hoje, a filha herdeira alterou a razão social do registro em cartório para Ilê Axé de Oiá.

Para se converter ao Candomblé, Cícera de Oiá foi raspada por um angoleiro chamado Rui de Oxaguiã, um pai de santo que tem casa aberta, há mais de trinta anos, no Rio de Janeiro e que veio a Brasília, nos primórdios da cidade a convite de uma irmã de santo. Veio, gostou, abriu casa sem fechar a do Rio de Janeiro. Rui toca Angola e Keto.

Rui chegou ao Candomblé pelas mãos do pai. Uma doença, aos sete anos, fez com que seu genitor o levasse para um barracão e, desde então, Rui que, em 2005, faz 58 anos de Santo, nunca mais deixou a religião, tendo sido iniciado por Natalina da Oxum, na Bahia.

Expulso de casa pela família, foi para o Rio de Janeiro aos dez anos, mas teve a sorte de sua mãe de santo também se mudar para lá e passar a ser seu esteio por muito tempo. Quando adulto, por amizade, Rui aproximou-se de Joãozinho da Goméia, um baiano como ele que se estabeleceu no Rio de Janeiro na década de 40. Rui o considera um sábio do Candomblé que morreu por desobedecer lansã, a orixá de sua cabeça ao dar uma obrigação no Gantois, na Bahia. Na volta, foi-lhe diagnosticado um câncer que o matou.

A vinda de Lilico da Oxum para Brasília foi decorrência de problemas familiares. Desfeito o lar com a morte do pai, ele, o caçula, deixou a madrasta com quem vivia com os irmãos mais velhos e veio morar com a mãe no Distrito Federal. Ela, que se separara do pai do babalorixá quando ele era muito pequeno, tinha vindo para Brasília para tentar refazer a vida.

Lilico chegou a Brasília aos doze anos, mas tinha o santo feito em Pernambuco, seu Estado natal, desde os sete. Seu nascimento já predizia sua ligação com as coisas do espírito. Muito doente, sua mãe, grávida dele, de sete meses, deu uma grande obrigação para Oxum porque se acreditava que sua moléstia era problema espiritual. A parteira que a ajudou fez todo o trabalho de parto incorporada por uma entidade africana chamada Tia Puquéria.

Lilico nasceu doente, com sopro no coração e durante toda a infância brincava com seres que ninguém via. Sua primeira incorporação foi num colégio de padres aos seis anos. O pai foi chamado às pressas para atender ao menino. Os dirigentes da escola o alertaram para a possibilidade de ser problema espiritual. O pai concordava, mas não queria a família envolvida com qualquer forma de espiritismo. Quanto a Lilico, nada entendia e não achava nada estranho porque sempre estava passando mal.

Foi pela mão da madrastra que Lilico fez sua primeira obrigação, à revelia do pai, que disso nem tomou conhecimento, por estar viajando. Depois da morte do pai, Lilico veio para Brasília e sua mãe o ajudou com as obrigações religiosas atrasadas, apoiando-o, por ser, ela própria, feita no Santo. Era filha de Omulu com Oxum e embora não tivesse compromisso com nenhum barracão, freqüentava casas de Umbanda e as ajudava.

Brasília deu a Lilico a oportunidade de conhecer Dona Violeta. Dona Violeta Le Rois foi a primeira branca a ser feita no Terreiro do Engenho Velho, na Bahia, filha de “Senhorazinha de Xangô”. Ela o adotou como um filho e teve muita influência na sua formação. O futuro sacerdote, ainda menor, estudava e lavava o piso de blocos de apartamento para se sustentar.

Aos quinze anos, Lilico foi a Recife fazer sua obrigação de sete anos e, quando voltou, trazendo seu santo, seu Ibá, se estabeleceu no Guará, abrindo o Ilê Axé Deuí. Depois comprou uma chácara em Águas Claras, local em que criou o seu primeiro filho de santo, seu primeiro iaô, hoje, um babalorixá com 36 anos de feito, estabelecido na Lagoa Seca, um bairro de Fortaleza, no Ceará.

Pai Lilico estabeleceu, finalmente, o seu barracão em Sobradinho, criando o Centro espírita Caboclo Boiadeiro – Ilê Axé Deuí.

A criação do seu barracão e a fama que o cerca confirmam a profecia feita quando da sua primeira obrigação, de que seria pai de santo. E dos grandes.

Também é profética a vida de Paulo Ogum Iara, pai de santo de Umbanda, dos maiores defensores de sua raiz afro-descendente. Paulo chegou a Brasília vindo de Minas Gerais, do Vale do Jequitinhonha, onde viveu como seminarista. Sua vida parecia traçada para servir a Deus em meio a católicos, mas não era essa sua sina.

Sua ida para a Bahia, ainda de batina, o afastou da igreja católica e o levou direto para a Umbanda, num centro espírita em Mata de São João, Salvador. Com a Umbanda, veio para Brasília para participar do Centro de João Baiano. Depois foi para o Lar Social Vovó Conga, dirigido por uma juíza, Dona Ilza Cléia. Foi lá que recebeu a ordem para fundar o seu próprio templo, o Centro Espírita Ogum Iara, o que fez com um grupo de espíritas.

A Cidade Avança sobre os Terreiros

A preocupação com os registros, com a legalização das chácaras, com o cumprimento de todas as formalidades que permitam a realização do culto dos orixás, em paz, às vezes fica ameaçada pelo próprio crescimento populacional exigência que esse crescimento faz de ocupar, cada vez mais, espaços.

Marcos Omolocô, por exemplo, um engenheiro civil versado em ioruba, que tem uma esposa comerciante das coisas de santo, cuidou cedo para ter sua chácara onde pudesse fazer seus xirês. Comprou-a há mais de vinte anos em Vicente Pires, em frente ao Guará, na zona sul do Distrito Federal. Marcos Omolocô, que dá prosseguimento, em Brasília, à raiz Omolocô, trazida do Rio de Janeiro, comprou uma chácara num setor próprio há quase trinta anos. Hoje, quando se vai visitar o seu barracão, passa-se por um emaranhado de ruas e seu terreiro tem vizinhos de lado, de frente e atrás, residências instaladas no imenso condomínio em que se transformou aquela região.

Marcos se sente seguro porque estabeleceu, com esses vizinhos, um princípio de respeito e de solidariedade. Mas percebe-se uma preocupação com o som dos tambores. Seu barracão tem uma forração de caixas de ovos que reduz o som impedindo-o de incomodar os outros moradores do bairro.

A cidade avança, também, sobre a chácara de Juarez de Oxalá. A chácara tem registro em cartório, registro em federação, mas pouco a pouco ele vê, do palácio que construiu para Oxalá, a cidade se avizinhar. Instalou-se no setor de chácaras do Guará, do lado oposto à casa de Marcos Omolocô e, embora a região continue a ser uma região de chácaras, a proximidade do Plano Piloto põe em risco o seu projeto.

A preocupação dos pais de santo, observada apenas de relance em seus olhos, não traduzida em palavras, fundamenta-se no incômodo som dos atabaques. A maioria cristã da sociedade reclama do som dos tambores e chocalhos que se escutam de longe. Os seguidores do Candomblé e da Umbanda não reclamam do som dos cânticos e das orações proferidas em altos brados pelos cristãos.

Assim é que Toninha de Xangô, estabelecida em Mestre D’Armas, um povoado de Planaltina de Goiás, cidade do Entorno de Brasília, começou a reduzir, cada vez mais, o horário do seu xirê, até trazer seu início quase para o fim da tarde. Ela também comprou uma chácara distante da cidade, três lotes num terreno retalhado para a futura construção de um condomínio, a maior febre de Brasília, e viu seu barracão se cercar de casas até a sua biqueira.

Os barracões de Umbanda e Candomblé registrados em áreas culturais ou especiais, como é o caso de Mainha (Mãe Marinalva), a mãe de santo que toca Umbanda, Candomblé e Légua Boji em Santa Maria, ou Cícera de Oíá, que toca Candomblé em Sobradinho, não têm com o que se preocupar. Estão, definitivamente, protegidos pela Lei de Ordenamento Urbano do Distrito Federal. Os outros, todos os outros 27 visitados, podem, em algum momento sofrer algum tipo de transtorno.

Há pouco tempo, a comunidade do Candomblé teve que se reunir para proteger Lilico da Oxum. Estabelecido numa chácara comprada em Sobradinho 2, uma das áreas de expansão instalada pelo atual Governador Joaquim Roriz, em seu terceiro mandato no Distrito Federal. Lilico da Oxum, um dia, acordou com ordens de evacuar a área. Venceu no primeiro momento. Reuniu os esforços dos advogados que freqüentam o seu terreiro, mas perdeu um bocado de chão. Encurtada a área, sua luta atual é tombar, pelo patrimônio cultural, o seu barracão, considerado por todos os entrevistados como dos mais velhos de Brasília.

Embora resguardada pelo tempo e pela intensa participação de seu marido na estruturação de um condomínio, em situação relativamente insegura está, também, Oiá Dagã, que toca Angola em Sobradinho 2, no setor de mansões. Ali vive num barracão muito bem estruturado, mas cercado de residências por todos os lados. Salva-a, também, o fato de tocar pouquíssimas vezes por ano, o que relativiza o (peso) incômodo causado pelo som dos atabaques noite adentro.

A dificuldade maior é a de Wanda da Oxum, que toca Umbanda na Quadra I de Sobradinho, no meio de uma área residencial. Seu barracão fica nos fundos de sua casa. Dificuldade grande, também, é a de Rui de Oxalá que toca em área residencial, com barracão no fundo do seu quintal em Ceilândia Sul. Eles permanecem tocando nessas áreas porque, ao longo de mais de trinta anos que ali residem, angariaram a amizade, o respeito e a confiança das famílias vizinhas, muito embora tenham, hoje, vizinhos das igrejas expansionistas evangélicas que, aqui e ali, ameaçam incomodar e podem-se transformar em pedras no sapato desses pais de santo.

Mas a verdade é que quanto mais longe o barracão está do Plano Piloto, maior segurança para seus seguidores. É o caso de Railda da Oxum, estabelecida na Cidade Ocidental; é o caso de Joel de Oxalá e Aurélio de Odé, estabelecidos na área rural de Planaltina de Goiás; é o caso de Francisco de Iansã e de Gabriel de Oxalá; é o caso de Antônio de Oxossi e Carmem de Angorô. Esta última toca Angola numa área de chácaras no Gama, cidade-satélite bem ao sul de Brasília.

Federação

Para se protegerem, os pais e as mães de santo registram-se em cartórios e nas duas federações existentes no Distrito Federal: a Federação de Umbanda e Candomblé, do Pai Paiva (falecido) e a Federação de Cultos Afro-descendentes liderada por Gabriel de Oxalá. Recentemente, as duas federações ensaiaram um movimento para se fundirem numa só.

A morte de Paiva, que tocava Candomblé, acontecida em 2003, deixou a Federação nas mãos de Mainha (Mãe Marinalva) que, para realizar a festa de Iemanjá no dia 31 de dezembro, fez, com Gabriel de Oxalá, um esforço conjunto. Não conseguiram levantar os recursos públicos, mas realizaram a festa na Prainha (no lago Paranoá). Finda a festa, não se sabe como as conversações para a fusão das duas entidades poderão acontecer.

O mais importante é transformá-las numa entidade representativa dos interesses dos seguidores das religiões afro-descendentes. Não se pode dizer que, atualmente, qualquer uma delas represente o povo de santo. É comum se ouvirem elogios a Pai Paiva e referências também elogiosas a Gabriel de Oxalá, mas de maneira geral há controvérsias quanto às suas lideranças.

Eles parecem não se sentirem representados mas, numa reunião realizada por uma ONG, oportunidade em que se devia discutir o assunto, a maior queixa foi a falta de um interlocutor com credenciais para negociar, com as autoridades civis, proteção às religiões afro-descendentes, garantindo a elas as mesmas condições oferecidas às demais igrejas sediadas no Distrito Federal. Querem terrenos públicos e recursos para programas filantrópicos, para programas de desenvolvimento humano.

Sentem falta, também, de um maior controle ético, aliás, uma discussão muito complicada. A Federação de Cultos Afro-descendentes, comandada por Gabriel de Oxalá, planeja um conselho de sacerdotes capaz de aferir cada nova casa de santo que deseje se instalar. Por enquanto, o olhar severo dos pais de santo sobre cada um outro tem sido o controle necessário.

As casas, os barracões, tocam seus xirês, suas giras, botam suas mesas de Jurema e ninguém, em trinta entrevistas com mais de duas horas, em média, estava tão incomodado a ponto de ter uma história pronta para contar sobre a desonestidade de um sacerdote.

A maior preocupação nessa área é evitar que pais de santo com todas as obrigações dadas, com todos os anos de dedicação estabelecidos sejam confundidos com charlatões ou mesmo com videntes e outros sensitivos que se estabelecem e se autodenominam de ialorixá ou babalorixá.

Por fim, esperam de uma entidade que os congregue, que os respalde juridicamente, que lhes dê assistência, especialmente, nos momentos de dificuldades e que atente para o problema fundiário que os cerca. No momento, a única saída que vislumbram para o problema é o tombamento.

Pais, Mães, Doté e Baomi

Os babalorixás e as ialorixás dos templos que integraram essa amostra são chamados de pai e mãe por seus filhos de santo. Apenas em dois terreiros se ouviu doté, que é o mesmo que pai, para as nações Jêje. Os babalorixás são formados por um longo tempo de aprendizagem desde a iniciação. Como se costuma dizer entre os seguidores dos cultos afro-descendentes, tudo começa com um banho de folhas, de ervas maceradas: os amassis. Depois, começam as chamadas obrigações. A primeira, um bori. Bori quente. Todos passam pelo bori. Na casa de Mainha, que toca Umbanda e Candomblé e que tem mesa de Jurema, é diferente. Os filhos de santo são, primeiro, como diz ela, doutrinados na Umbanda, para só depois darem as obrigações do Candomblé.

Na casa de Paulo Ogum Iara, assim como na casa de Wanda da Oxum, casas que tocam Umbanda, a iniciação começa, também, com os banhos e com a lavagem e a fabricação das contas, das guias, aqueles colares que sempre vemos nos pescoços dos filhos de santo. E aí se vai para a roda, momento em que aqueles que incorporam as entidades as recebem nas giras. A obrigação maior é frequentar a gira três vezes por semana. As casas de Umbanda tocam todas as segundas, quartas e sextas, mas também se faz o santo com preceitos e um recolhimento ao roncó por três dias com mais um mês de preceito. Nesse mês, o filho de santo da Umbanda usa, nos dois braços, o contra-egum, que é um bracelete trançado de palha com um búzio, não fica na rua após as dezoito horas, a não ser por dever de trabalho e usa, na perna, um outro trançado que tem um guizo na ponta.

Nas casas de Candomblé, aqueles a serem iniciados, depois do bori de água, ou bori frio, vão para a roda, ou frequentam a casa, ficando, apenas, na assistência, mas têm a frequência observada, com o objetivo de ver se estão se adaptando, como diz Mãe Railda, aos costumes do Candomblé. Depois o abiã, como é chamado o que ainda vai se iniciar, começa a aprender o que é mais importante para o Candomblé: o respeito à hierarquia da casa, a humildade, o cumprimento dos serviços para agradar ao seu orixá.

Nas casas de Candomblé, as angústias dos mortais ficam por conta dos boiadeiros; na Umbanda, por conta das entidades. Mas orixás, estes são para serem agradados. No barracão, seja de Umbanda, seja de Candomblé, os filhos de santo aprendem a limpar o terreiro, a cuidar dele, a preparar as comidas de santo, pois cada santo, cada orixá tem sua comida, uma ou mais que lhe deve ser oferecida.

Tem o amalá de Xangô que é preparado com quiabo e camarão; tem o acarajé de Iansã, que é preparado com feijão e frito no dendê; tem a pipoca de Omulú. No Planalto Central, a preocupação com o preparo com a comida dos orixás é muito grande e os filhos de santo têm que aprender a fazê-las.

Aprendem a colher as ervas sagradas ainda de madrugada, para que não percam o seu axé, sua força vital, sua energia com o aquecimento vindo do sol. Aprendem a lavar as roupas de razão. As roupas de razão são as saias compridas com os camisas que formam a roupa de trabalho dentro do barracão. Para os homens, é a calça de morim e a bata reta que lhes servem de vestimenta para os ofícios da casa. Do mesmo modo, aprendem a lavar as baianas, o calção que lhes fica por baixo para que a roupa não se torne inconveniente durante a dança do orixá incorporado.



Foto: Luís Antônio

Aprendem a cuidar do ojú, que prende e esconde os cabelos, formando um turbante na cabeça das mulheres e a tratar do pano da costa, uma faixa larga de tecido com um acabamento nas pontas, em geral, rendado. Esse pano é fundamental em todas as atividades do Candomblé. Ele se transforma em saia, caso a filha de santo tenha ido a um xirê de calças; ele ajuda a dançar com o orixá; ele é posto na cabeça dos que são tomados pelo santo sem estarem preparados, o que se chama de bolar; ele é amarrado na diagonal do corpo, quando uma filha de santo recebe seu orixá, para definir que se trata de um orixá masculino.

Aprendem a dançar na roda; aprendem a se agacharem quando um orixá dança; aprendem a acender velas para o seu santo na frente de sua quartinha: aprendem o ritual a fazer no dia do seu orixá, ou do orixá que rege a sua casa.

Por fim, quando esses conhecimentos estão incorporados, está na hora de o filho de santo de Candomblé dar a sua primeira obrigação que será mais difícil se ele incorpora o orixá. Se ele recebe, como se diz. Então será uma obrigação que o fará morrer para o mundo e nascer na outra família que é a sua casa de santo. Ele terá nova mãe, ou pai, caso seja uma ialorixá ou um babalorixá, e uma família de irmãos que deve, sobretudo, respeitar.

A solenidade da benção é única para as religiões afro-descendentes. O filho de santo, em qualquer estágio, tem obrigação de cumprimentar seus irmãos e seu pai ou mãe de santo com o pedido da bênção que será sempre respondido com o nome do orixá – Que lansã te abençoe; que Ogum te abençoe ou, simplificando, que meu pai, ou minha mãe te abençoe. Após responder o filho de santo que abençoou, muda, imediatamente, de posição e, ele próprio, pede a benção, salvo se for a ialorixá ou o babalorixá.

A obrigação de iniciação do abiã é longa: será de 21 dias para os que vão se tornar iaôs, sacerdotes iniciados que recebem o santo; será de quatorze dias para os cargos, aqueles que não recebem, mas se colocam a serviço dos orixás quando em terra, incorporados, ou não. Recolhidos ao roncó, os filhos de santo passarão por um período de introspecção, de recolhimento. Como diz Cícera de Oiá, os filhos de santo vão se conhecer. Vão parar para pensar na vida. Mas também aprenderão a dançar para o seu orixá, os orocos (orações) e os orikis (canções para agradecer e chamar os orixás).

No pescoço desses futuros sacerdotes está o quelê, um colar de contas pesadas que simboliza a humildade e os lembra de nunca levantarem suas cabeças durante todos os 21 ou quatorze dias. Fala-se baixo no roncó, caso se esteja sozinho, ou se integre um barco, que é a formação de um grupo de pessoas dando obrigação ao mesmo tempo. Dorme-se na esteira (a decisa) rodeado por oferendas, para demonstrar o sacrifício, em sinal de humildade e para se unir mais aos orixás. Come-se com as mãos e se anda com os pés nus.

A saída de santo, como se chama o fim da obrigação, é feita como uma grande festa, uma recepção cheia de alegria, de fogos e votos de felicidade. A saída de uma iaô ou de um iaô é feita em quatro etapas aqui no Distrito Federal. O iaô é apresentado pelo pai, ou pela mãe de santo, e dança acompanhada pela iakekerê (a mãe criadeira da casa) que tratou do iaô, vestiu-o, banhou-o e o alimentou durante os 21 dias de roncó. Sai vestido como estava no roncó, com simplicidade, descalço e não lhe é permitido levantar a cabeça. A segunda saída é feita com o iaô pintado, uma pintura especial feita de pontos que parece envolvê-lo numa teia de proteção. Depois, sai numa terceira vez

pintado de branco, a cor de Oxalá, porque todos os orixás são filhos de Oxalá e, assim, os filhos e as filhas de santo. Por fim, o iaô sai incorporado pelo seu orixá, vestido com seus paramentos, suas roupas ricamente ornamentadas e com os seus símbolos.

Nas três primeiras saídas, o iaô bate paó nos assentamentos de axé da casa. Dois filhos de santo, homem ou mulher, levam a decisa (a esteira) e o iaô se ajoelha sobre elas, deita-se em reverência, batendo três palmas longas e, depois, sete curtas, anunciando a sua obediência aos orixás da casa, do pai ou mãe de santo, ao seu próprio e à hierarquia da casa.

Depois da saída, os iaôs guardam mais três meses de preceito. Nesse período, não podem se sentar em cadeiras, ressalvas aos que necessitam fazê-lo por dever profissional. Só comem com a mão e só bebem em sua própria caneca de ágata, inaugurada no roncó, não tiram o quelê, a não ser para o banho, usam o contra-egum e o quelê e só os tiram para o banho. Não saem depois do anoitecer, a não ser que precisem, por dever de trabalho, não frequentam festas, não bebem bebidas alcoólicas, nem vão onde há multidão. Não podem ser abraçados. Estão com seu corpo purificado e dedicado ao orixá. Só depois de completados os três meses é que tiram o quelê e voltam para suas vidas normais. Os cargos guardam o mesmo preceito, mas só por vinte um dias.

A obrigação se repete com um ano, com três anos e, depois, com sete anos, quando o sacerdote recebe seus direitos, o decar, que lhe propicia a condição de preparado para abrir sua própria casa. Nessa obrigação, também lhes é ensinado o segredo dos búzios.

Os búzios têm papel preponderante no Candomblé e na Umbanda. Nada se faz sem consultá-los. Eles é que auscultam os desejos dos orixás e falam do odu (destino) dos que moram sobre a terra. Os búzios dão os recados dos santos e dizem o que cada pessoa, filho de santo, ou não, deve fazer para agradá-los. Tudo, numa casa de santo, é definido pelos búzios. O normal é que o sacerdote, depois dos sete anos, permaneça ainda na casa de seu pai ou mãe de santo e faça a obrigação de quatorze e, após, de 21 anos. Aos cargos não é permitido abrir casa.

É assim que acontece no Distrito Federal e Entorno e assim também acontece com os cargos, os sacerdotes das casas de santo que não incorporam orixás.

Os cargos, nas casas, são diferentes para homens e para mulheres. Os homens são axoguns (que fazem o sacrifício dos animais). Axogum quer dizer mão de faca. Os babalossaim cuidam das ervas; os ogãs tocam os atabaques; os alabês são responsáveis pelos cantos para o chamado dos orixás. As mulheres são equedes, palavra que quer dizer “as que cuidam dos orixás quando vêm à terra para dançar”. Podem ter o cargo de iakekerê, as mães criadeiras que cuidam dos filhos de santo no roncó.

Apesar de se tratar de uma religião muito exigente, que requer muita responsabilidade, muitas obrigações e muito sacrifício de seus seguidores, os templos, as casas de santo, os barracões estão cheios de seguidores. A média dos que se propõem ao sacerdócio é de sessenta filhos por casa.

Os Xirês

Xirês são as festas públicas dos barracões. Em média, os barracões têm de cinco a seis grandes festas por ano: a festa do orixá protetor da casa; a festa do orixá do pai ou da mãe de santo; a festa de Omulu, o orixá da saúde; a festa de Oxalá, a festa das iabás (os orixás femininos); a festa dos ibeji, ou erês, ou na Umbanda, São Cosme e Damião. No entanto, os barracões tocam mais vezes durante o ano, ou seja, têm outros xirês por causa das obrigações dos filhos da casa.

Os xirês são antecedidos pelo “despacho de Exu”. Quase todos os pais ou mães de santo entrevistados disseram ser errado falar em despacho. O que se faz é uma oferenda para o orixá que é o mensageiro entre o céu e a terra e responde pela segurança dos barracões. Essa oferenda, na maioria das vezes, é feita antes do anoitecer, bem antes do início do toque marcado, sempre, para 21 horas. Consiste numa farofa de dendê, ou de cachaça, ou de mel e é colocada na casa de Exu. O xirê propriamente dito começa com o chamado do adjá (chocalho), tocado pela mãe de santo e a resposta imediata dos atabaques (o rum, rumpi e o lê).

Os filhos de santo, então, entram enfileirados. As mulheres vestem-se de baiana, ou de kaftan, se for equede; os homens, uma calça branca e uma túnica tosca também branca. Posicionam-se em roda e continuam a dança que já vinham realizando desde a entrada, embalados pelo som dos atabaques, do gã, e dos orikis, os cânticos em ioruba. Dançam e cantam primeiramente, para Ogum, o segundo dos orixás, o orixá guerreiro, senhor do ferro e da tecnologia.

Os xirês, independentemente da nação, Angola ou Keto, no Distrito Federal, obedecem à mesma seqüência de chamado. Primeiro os orixás do sexo masculino, os oborós. Depois os orixás femininos e, por fim, Oxalá, que é chamado o pai de todos os orixás. Aqui vale a ressalva. Oxalá não é o senhor supremo. É o pai dos orixás. O senhor supremo é chamado de Olorum e está acima do céu e da terra. Por isso não se pode dizer que a religião seja politeísta, como querem alguns. Nossos estudiosos, como Marcos Omolocô, explicam que Olorum é inatingível, está acima de todas as coisas. Do bem e do mal.

Cantam-se 4, 5, 6, cânticos e os orixás, atendendo ao chamado, vêm para terra. As cabeças que os recebem se afastam da nossa realidade para cederem seus corpos para a dança das entidades. Quando o orixá se incorpora, imediatamente, uma equede, cujo título se traduz do ioruba como sendo a mãe que o orixá escolheu, confirmou e, portanto, tem o dever de cuidar dele quando em terra, o acode e o atende em todo o tempo de incorporação.

Ela, com toda a delicadeza e a feminilidade tira as sandálias de quem incorporou para deixar seus pés livres para a dança da entidade. Retira-lhe o ojá, turbante que todos carregam quando entram na roda do xirê, e desatam-lhe o pano da costa.

Se o orixá é masculino, o pano da costa é amarrado em transpasse pelo corpo que o recebe. Se for feminino é, simplesmente, pendurado ao seu pescoço e pode servir de guia, somado ao som do adjá na dança do orixá.

A dança sagrada a princípio é tranqüila, lenta mas, com o açodamento das forças em terra, a força dos orikis e o ritmo forte dos atabaques pode-se transformar numa dança forte e representativa das características do orixá.



Foto: Luís Antônio

Ogum dança imitando sua guerra, a força de seus ferros. Uma dança viril que atinge o seu ápice quando ele se posta de frente dos atabaques. Xangô dança seu fogo, como lansã sacode o seu erexim (um chicote com pêlos na ponta) e, Oxum, a deusa da feminilidade e das águas doces simula um banho enquanto dança e se olha no espelho que carrega, confirmando sua beleza.

Danças muito exigentes são as de Nanã e de Oxalufã, o Oxalá velho. Os dois dançam tão vergados, quase dobrando o corpo num ângulo de 45°, que costumam espantar os assistentes desacostumados. Pensa-se que depois que eles deixarem os corpos dos iaôs, estes não conseguirão mais andar eretos.

Igualmente especiais e bonitas são as danças de Omulu - mais ritmada e mais lenta se for Omulu, e mais rápida se for Obaluaê, o mesmo orixá mais novo; de Ossaim, o senhor das folhas; de Oxumaré, o senhor representado por uma serpente e que une o céu e a terra num brilhante arco-íris e que executam um bailado se arrastando como uma serpente; de Oxossi, o caçador, o senhor das matas com uma dança imitando uma caça de arco e flecha.

No Distrito Federal encontram-se filhos dos dezesseis orixás, muito embora em nenhum barracão se encontrem todos. É comum em todas as casas do Distrito Federal quando se cante para Oxalá os demais orixás voltarem à terra para dançar com ele, independentemente de já terem participado do xirê na ocasião em que foram chamados por seus Orikis.

Depois do canto para Oxalá o sacerdote encaminha a finalização do xirê e seus participantes, novamente, saem em fila até a saída completa do barracão. A assistência, que até esse momento se limitou a aplaudir os orixás incorporados enquanto dançavam, ou a tocar o chão com a ponta dos dedos e a cabeça pedindo a proteção do seu santo, desliza rapidamente, para o salão contíguo onde será servido o jantar e a bebida que pode ser refrigerante, aruá, ou aluá (uma bebida feita de milho) ou cerveja e vinho.

Os xirês correspondem às giras da Umbanda. No Candomblé, dança-se uma vez por mês, às vezes, até menos. Na Umbanda, toca-se três vezes por semana: a segunda feira é o dia da esquerda, como se costuma chamar as giras de Exu; a quarta feira é o dia dos pretos velhos, entidades que são espíritos bons para curar enfermos, ensinando-lhes remédios de folhas e raízes, ou orientando-os para que procurem os homens de roupa branca que é como chamam os médicos; na sexta, recebem os demais orixás.

Na Umbanda, em Brasília, o sincretismo é discreto quando se trata de dar nomes aos orixás, mas o sincretismo é muito grande quando se olha para os altares. No início da gira, todos os filhos de santo batem cabeça que é uma linda dança sagrada. Nela, os filhos de santo, dois a dois, sem distinção de sexo, vão até o peji, altar grande que fica no fundo do barracão e se deitam para bater a cabeça no chão, em sinal de respeito e humildade.

Quando o xirê é festa da casa, a comida e a bebida oferecidas, depois, aos convidados e aos filhos de santo são feitas com uma contribuição dos sacerdotes e iniciados ou dos beneméritos da casa, os ogãs, sem obrigações dentro do terreiro, mas que contribuem sempre que a casa precisa.

Quando é festa de obrigação de algum iaô, ou cargo, ela é financiada por ele. Se o filho de santo que vai dar obrigação não tem posses, ele faz uma lista das necessidades do ronco e da festa e recolhe donativos com os irmãos de

santo. A solidariedade é uma marca dos barracões. Ninguém fica sem dar obrigação por falta de dinheiro.

Na Umbanda, com tantos dias de toque, seria impossível oferecer comida à assistência. Em geral, serve-se generoso café, já que as giras se estendem pela madrugada e há, sempre, um panelão na cozinha com uma comidinha para alimentar a fome dos filhos de santo.

Da Umbanda para o Candomblé vai, também, Zé Pilintra, uma entidade muito querida, com fortes devoções populares. Muito utilizada para a solução de problemas com filhos, com maridos bêbados e com problemas financeiros, “Seu Zé” como o chamam seus devotos, tem festas maravilhosas na casa de Jorge de Oxóssi, um pai de santo da segunda geração de uma família tradicional da Umbanda, que foi feito no Candomblé. Hoje, tem um barracão muito grande em que se toca Candomblé, mas onde não se esquece a raiz umbandista, especialmente quando se fala do “Seu Zé”.

Existem algumas casas de Umbanda em que não se usa bebida alcoólica, nem se trabalha ao som de atabaques tocados com as mãos, como na maioria. Nessas casas, há uma grande proximidade com o espiritismo kardecista e, em geral, há uma imagem de Jesus de grandes proporções em seus altares. Ressalte-se que os altares de Umbanda, normalmente, têm imagens do Espírito Santo, de Jesus de Nazaré, e dos santos que, no sincretismo religioso, correspondem a orixás, como Santa Bárbara, que representa lansã, e Nossa Senhora da Conceição que representa Oxum.

	ORIXÁS(KETO)	VODUNS(JEJE)	INKICES(BANTU)
QUADRO DE ORIXÁS SEGUNDO SUAS NAÇÕES	OXALÁ	OLISSASSA	LEMBA
	IEMANJÁ	ABOTÔ	DANDALUNDA
	EXU	LEGBÁ	BOMBOJIRO
	OGUM	GUM	ROXOMUCUMBÊ
	XANGÔ	HEVIOSO	ZAZE
	OXOSSI	AGUÊ	MUTAMBÔ
	OSSAIM	NEOSUMM	KATENDÊ
	IANSÃ	ABÉ	MAIONGA
	OXUM	AZIRI	KISSUMBI
	OBÁ		OBACHI
	LOGUNEDÉ		
	IBEJI	HOBO	VUNGE
	NANÃ	BURUCU	ZAMBARANDÁ
	OMULU	OBALUÊ	CAJANJÁ
	EWÁ	YEWA	
	IROCO	LOKO	KITEMBO
OXUMARÉ	BESSEM	ANGOROMEA	
IFÁ	FÁ	KASSUMBENKA	
OLORUN	MAWINL-LISSA	ZAMBI	

Se formos atentar para a língua, para os orikis e para os nomes dados aos santos e ao Deus maior das nações, observaremos que as casas de nação Jeje não guardam o nome dos voduns e, sim, dos orixás como acontece com as casas de nação Keto, diferenciando-se, mesmo, somente a nação Angola. Não se pode, no entanto, dizer que os fundamentos, os axés são os mesmos, porque estão, hermeticamente, fechados no conhecimento dos pais e mães de santo;

Axés e Fundamentos



Foto: Luís Antônio

Todas as casas têm, na cumeeira, o axé do patrono de suas nações. Algumas têm um poste central que liga o axé que está na terra e o que está na cumeeira. É uma ligação entre o céu e a terra. Nem sempre o patrono da nação coincide com o orixá dono da cabeça do babalorixá ou da ialorixá. De qualquer modo, o fundamento das casas (um segredo intransponível mesmo para os iniciados) está sempre no meio do barracão.

As casas de nação Jeje têm um enorme pote de barro coberto sobre o local onde fica o fundamento. O pote é chamado de rumbê. Esse vaso de grandes proporções, mais ou menos um metro de altura e um metro de diâmetro, tem sua decoração modificada conforme a festa.

O rumbê, durante as festas, constitui-se na maior preocupação de todos os filhos de santo. Cuida-se especialmente para que uma entidade incorporada, não o atinja com sua dança. Acredita-se que a quebra eventual do pote alteraria, de forma negativa, todo o axé da casa.

Na casa de Marcos Omolocô, sobre os fundamentos da casa, no seu centro, existe um enorme pilão com as armas de Xangô que são dois machados cruzados. Marcos explica que, na verdade, não podemos chamar de nações o que encontramos em Brasília e, sim, de raízes por causa das constantes fusões de ritos e de trocas de cânticos sagrados aqui no Distrito Federal. Ele, por exemplo, toca o Omolocô, uma raiz trazida do Rio de Janeiro, de uma casa nascida ainda antes da proclamação da Lei Áurea, antes do fim da escravidão.

Outra marca que se deve realçar é a gira de Exu que a as casas de raiz Keto e Jêje fazem. A gira de Exu, como diz o próprio nome da festa, é um traço forte da Umbanda dentro do Candomblé. Não se trata de uma festa dedicada ao orixá Exu, embora antes da gira de Exu se dance o xirê e, neste caso, as homenagens a esse orixá sejam feitas na abertura das danças sagradas e antes do pôr do sol. Depois da gira, os filhos de santo e os sacerdotes mudam-se, com a assistência, para um salão especial, com outros atabaques, desta vez, tocados com a mão e não com os agavis (baquetas de varas finas).

Nessas giras, os filhos de santo são incorporados por entidades que os pais e as mães de santo chamam de catiços, exus menores, que seriam os escravos dos orixás. Os mais famosos são as marias padilhas, as ciganas, as marias molambos, os tranca-ruas, os sete encruzas. Nesse caso, durante as danças sagradas, as entidades fumam e bebem; os filhos de santo vestem roupas extravagantes que se identificam com os seus exus. A bebida e o fumo, cigarros e charutos, não afetam os filhos de santo. Acompanhei, por diversas vezes, Wanda da Oxum, da Umbanda, incorporar seu Exu, beber diversas garrafas de cidra, fumar seu charuto e, ao final da gira, após ser libertada pelo Exu, sequer exalava cheiro da bebida.

Se assim não fosse, os filhos de santo da Umbanda morreriam todos de cirrose hepática, ou de qualquer insuficiência renal, considerando que, pelos menos, uma vez por mês, se faz gira de Exu na Umbanda. Nas casas de Candomblé essas giras são mais raras. Observe-se, também, que são muito populares. Durante a gira, é servida a comida para a assistência, que conversa, abertamente, com os exus, conta-lhes os problemas, recebe conselhos, pede favores em troca de roupas, perfumes, jóias e bebidas para eles.

Boiadeiros

As giras de Boiadeiro são semanais na Umbanda mas, no Candomblé, costumam ser anuais. Ela é aberta com um xirê curto, em que se despacha Exu como, aliás, se faz todas as vezes em que se abre o barracão ao público, para garantir a paz durante todo o xirê e a festa que o segue. Canta-se para Ogum, para o orixá da nação, que nos casos de Brasília normalmente são Xangô ou Oxumaré; canta-se para o orixá do pai ou da mãe de santo; canta-se para Oxalá e para os boiadeiros que estejam na casa, sejam dela ou convidados. Incorporados os boiadeiros a festa é transferida para um pátio aberto, ou semi-aberto.

Os boiadeiros dançam e cantam com os filhos de santo e a assistência por toda a noite. As festas podem ser feitas, também, à tarde e são muito agradáveis porque correm soltos churrasco de muito boa qualidade e cerveja para todos. Os consulentes dos Boiadeiros vêm cedo para a festa com os seus presentes. Pessoas que não têm posses para uma consulta - custa R\$ 50,00, R\$ 60,00 em algumas casas e são gratuitas noutras - aguardam uma oportunidade do agrado do Boiadeiro para fazerem perguntas sobre como se comportarem em determinadas situações, ou sobre como será o seu futuro num negócio, ou qual será o resultado de uma cirurgia.

Os boiadeiros são os esteios das casas. É comum que suas consultas garantam o abastecimento básico dentro das casas de Candomblé e sustentem os pais de santo.



Foto: Luís Antônio

Os Assentamentos

Valho-me de Gilberto Freire para dizer que as casas de santo, os barracões são, hoje, uma reprodução do que foram as casas grandes e as senzalas. O barracão é como se fosse a casa grande. Uma enorme construção seguida de uma sala de refeições e de uma cozinha grande, onde se preparam a comida dos orixás e dos convidados do Xirê.

Na Umbanda, esses barracões são enfeitados com paramentos de Exus, de boiadeiros, cachimbos de pretos e pretas velhas, de marujos e de imagens dos santos que correspondem aos orixás. No Candomblé, são enfeitados com pinturas dos orixás, com palhas de carnaúba, com laços de tecidos comuns ou especiais e muitas flores, quando se trata de festa.

Ao redor deles estão os assentamentos dos orixás. São casas menores, na maioria de apenas um vão, em que são colocados os assentamentos dos filhos de santo. Na casa de Cícera de Oiá e de Rui de Oxaguiã, por exemplo, existe o barracão de Exu mas, por problemas de espaço, apenas Iansã e o Boiadeiro Chico Bento, no caso de Cícera, têm um quarto só para eles.

Nos barracões construídos em chácaras, como a casa de Carmem de Angorô, que toca Angola, há uma construção para cada orixá. O mesmo acontece na casa de Toninha de Xangô, filha de Lilico da Oxum. Os orixás Tempo, Oxumaré e Oxum e, às vezes, Iemanjá, costumam ter seus assentamentos em construções abertas, com cachoeiras artificiais.

Essas construções cercam a construção principal que é o barracão. Quando não foi possível ao pai ou à mãe de santo construir a casa de cada orixá, eles reservam um cômodo para os assentamentos dos orixás de seus filhos de santo.

Os assentamentos dos orixás são a maior ligação entre os pais e as mães de santo e seus filhos. São esses assentamentos que levam os filhos à casa de Candomblé todas as semanas, em geral, no dia consagrado ao orixá da ialorixá, ou do babalorixá, para os rituais de acender o santo, que é iluminar o assentamento com uma vela de sete dias e de verificar a sua quartinha, que deve estar sempre cheia de água fria. O filho de santo também deverá bater paó para o seu orixá no dia dedicado a ele.

Quando há uma indisposição entre pai ou mãe e o filho ou filha de santo, capaz de quebrar os laços fortíssimos que os unem, então ele ou ela pode ser liberado pela mãe, ou pai de santo, para levar seu assentamento para onde quiser.



Foto: Luís Antônio

Cerimônias Fechadas

Os templos afro-descendentes têm suas cerimônias públicas, os xirês e as cerimônias fechadas, aquelas de que só os iniciados podem participar, como, por exemplo, as que promovem a limpeza espiritual de alguém, os ebós, as cerimônias de iniciação, os ossés (limpezas) dos assentamentos, os trabalhos de fundamento, que são os segredos da casa, os ritos diários das iniciações e os sacrifícios e as oferendas para os orixás e outras entidades.

Dentre esses trabalhos fechados estão os banhos de folhas e o trabalho com ervas. Não existe religião afro-descendente sem folhas e, por isso, os babalorixás e as ialorixás estão sempre preocupados com a derrubada das matas. É certo que cada pai de santo, seja de Umbanda, seja de Candomblé, tem seu pequeno horto e sua pequena plantação de ervas. Ninguém fica sem o acocô, sem o pelegrum, sem o loko (gameleira branca), sem o cansação e muitas outras.

Para a Umbanda e o Candomblé todas as ervas são sagradas e os de nação Keto têm o seu babalossaim, que é responsável por colher as ervas. Aqui, no Planalto Central, o babalorixá e a ialorixá mesmos recolhem as ervas antes do amanhecer para preservar-lhes o axé. Em raros casos, um filho de Ossaim os acompanha e faz a colheita para eles e há os que permitem a colheita por cargos da casa, mas como dizem, querem que a colheita seja feita sempre por pessoa de muita responsabilidade e de muito conhecimento para que não haja trocas.

Essa dependência das ervas e folhas faz com que, também no Distrito Federal, os pais e mães de santo e toda a gente do Candomblé e da Umbanda se preocupem com a rápida devastação das matas dentro do Distrito Federal. As matas também recebem as oferendas dos orixás pois, cada um deles tem a sua árvore, a sua planta preferida. Iansã, por exemplo, fica muito agradecida se a oferenda lhe for feita embaixo de um pé de bambu, sua árvore sagrada.

Com toda a preocupação dos sacerdotes, muitas ervas ainda são trazidas da Bahia ou do Rio de Janeiro. O obi e o orobó, sementes imprescindíveis aos fundamentos, não se adaptaram ao Planalto Central e têm que vir de fora. Há, mesmo, quem consiga os obis e orobós da Nigéria, por meio de amigos que trabalham na Embaixada do país em Brasília.



Foto: Luís Antônio

Paramentos e Vestimentas

Nesse setor, apenas o babalorixá Jorge de Oxóssi, possui independência total. Ele estruturou, em sua chácara, um grupo de filhos de santo artesão que borda os tecidos, prepara os richilieux (bordado de roupas solenes) e os paramentos.

As roupas usuais do Candomblé são muito simples. As baianas são feitas de tecido de algodão branco com acabamentos de renda variados. As armações são feitas de tecidos cheios de goma ou de um tecido especial chamado de entretela, ou mesmo de telas. Em geral, uma baiana tem de duas a três anáguas por baixo da saia principal, o que lhes dá o formato arredondado. Os camisus são uma bata muito feminina, de pescoço quadrado, decotadas, bem sensuais sem serem desrespeitosas. O Candomblé e a Umbanda querem beleza.

Os camisus são colocados por fora ou por dentro das saias e sobre ele é amarrado o pano da costa. Por baixo de tudo isso vai, ainda, o calçolão. Nenhuma baiana prescinde do calçolão. Trata-se de uma calça de pernas até os tornozelos com acabamento de renda. Nenhuma mulher dança no candomblé sem os calçolões para ter liberdade de movimento quando incorpora, quando bate o paó, ou quando faz os rituais de humildade e subordinação aos orixás e aos babalorixás e ialorixás.

Essas roupas são encontradas prontas em Brasília, assim como as roupas de ração. Caras são as roupas mais solenes, roupas de festa quando os orixás se paramentam. Aí o uso do richilieux é um privilégio dos pais e mães de santo e dos filhos das casas que têm, pelo menos, sete anos de obrigações em dia.

No caso dos filhos de santo de Jorge de Oxóssi, a roupa de richilieux, que costuma custar até dois mil reais, fica bem mais em conta. Na casa de Oiá Dagã, mãe de santo de nação Angola, ela encontrou um modo mais barato de fazer saias e camisus de richilieux de seus filhos de santo e as suas próprias. Ela mesma compra enormes toalhas de banquete de richilieux nos mercados e fabrica as peças. Sem esses expedientes, um pai de santo falou que “A única solução é morrer nas mãos do Tadeu”, um comerciante que vende as roupas e cobra parcelado, em até três vezes.

Além das roupas, outro item caro, especialmente do Candomblé, são os paramentos. Os paramentos são as roupas e os adereços que os orixás usam nos dias de festa. Eles invocam as características de seus axés e revelam suas histórias. Omulu, por exemplo, veste uma calça folgada, apertada apenas na perna, encimada por uma saia e todo o seu corpo e rosto ficam cobertos de palha para impedir a visão das marcas das feridas deixadas em seu corpo ao ser abandonado pelos pais numa mata, sendo recolhido, depois, por lemanjá que o criou. Por isso, ele é o orixá que cura doenças e todos, em sua festa, fazem questão de se banhar de pipoca, que é sua comida, para protegerem o corpo de qualquer mazela.

Ele usa um capacete do qual descem as palhas. Esses adereços e adorno dos orixás são difíceis de confeccionar e, portanto, são comprados nas lojas especializadas, aqui, em Brasília, ou no Rio de Janeiro e em Salvador, onde dizem, é mais barato.



Foto: Luís Antônio

Railda da Oxum, diz que os adereços usados em sua casa são comprados no Axé Opon Afonjá do Rio de Janeiro ou de Salvador. Cícera de Oiá tem os de sua casa preparados por sua jibonã (mãe pequena da casa), Marly. Muito habilidosa, Marly não deixa que nenhum santo da casa apareça sem um paramento especial, rico, perante a assistência. O mesmo acontece com Jorge de Oxóssi, que é também artista plástico.

Aurélio de Oxóssi, pai de santo e artista plástico mostra suas habilidades nos assentamentos dos santos da casa que divide com Joel de Oxalá. É a única casa, dentre as visitadas, que tem dois pais de santo convivendo e trabalhando em perfeita harmonia. Perguntei-lhes se isso não feria as regras do Candomblé. Eles disseram que não, pois havia sido assim quando da criação da primeira casa de Candomblé da Bahia.

Já é possível comprar, em Brasília, as louças de barro ou de porcelana usadas nos assentamentos ou nas oferendas, embora Carmem de Angorô diga que prefere comprar tudo na Bahia. Há informações de que elas podem ser adquiridas por preços módicos na Cidade Ocidental, uma cidade do Entorno.

Quem é e onde está o povo de santo?

O povo de santo se espalha no Distrito Federal e Entorno. Em todos os lugares. Silencioso nas repartições públicas, nas salas e sessões da Esplanada dos Ministérios, nos suntuosos espaços do Palácio do Planalto, entre os garçons e funcionários de alto escalão, na Câmara Federal e nos Palácio da Justiça, do Supremo, do Superior Tribunal Federal, na Câmara Distrital. Entre deputados e serventes, e copeiros e lixeiros. De mãos dadas com os que mandam no Brasil. Subalternos e discriminados. Entre os que mandam e os que obedecem. Por todo canto, por todo canto. Na Ceilândia, em Taguatinga, em Santo Antonio do Descoberto, no Guará, em Sobradinho, em Planaltina, em Luziânia, no Plano Piloto.

Autônomos ou dependente. Uns, tão agoniados pela dureza da vida que se refugiam no barracão, sem emprego, colocando-se a serviço da religião. Os barracões, centrais filantrópicas. Casas de mãe ou de pai, ou de “pãe” como costumam os filhos referirem-se a Lilico da Oxum. Casas de braços abertos para acatar os que precisam.

Algumas mães ou pais de santo dizem não prestarem nenhum trabalho filantrópico, no momento, por não estarem distribuírem sopa ou realizarem um programa social oficial. Esquecem que recolheram aidéticos sem abrigo, até a morte. Esquecem que mantém 20, 30 refeições diárias para filhos e consulentes e agregados que, por não terem onde ir, vão ao barracão. Esquecem que à noite, seus salões e camarinhas coalham-se de colchões e colchonetes dos que não têm onde dormir.

A despeito disso, todos os babalorixás e as ialorixás entrevistadas gostariam de abrigar programas de desenvolvimento humano em seus barracões. Desejam, principalmente, programas de educação, de formação profissional e de higiene e saúde. Marcos Omolocô defende a existência de um programa que oriente o povo de santo quanto a higiene das folhas, dos amassis; a esterilização de navalhas, de facas, de utensílios.

Desejam também o aprendizado do ioruba, a língua na qual proferem seus orocos e cantam seus orikis. Todos os barracões usam o ioruba, dispensado apenas nos barracões de Umbanda.

Mas onde está o povo de santo? Este povo que ganha muito bem e ajuda a manter seus candomblés e Umbandas, ou que ganha tão mal que a obrigação de iniciação, de ano, de três anos, de sete anos, de 14 anos, de 21 anos, sai dividida em solidariedade pelos irmãos da casa, como deve ser uma irmandade. Cinquenta, vinte, dois salários mínimos. Na média, mesmo vacilantes, temerosos, os pais e mães de santo admitem que seus filhos ganham dois salários mínimos. Mas o temor não é o de magoar os filhos que ganham muito. O temor é de afastar o emprego daqueles que sonham com um. Os muitos que estão desempregados.

Negros? As religiões afro-descendentes têm poucos negros nos seus xirês e giras. Pouquíssimos. Cerca de 20 a 30 %. Muitos mestiços e muitos brancos. Mesmo em Sobradinho, mesmo em Taguatinga, onde a população negra é mais representativa a porcentagem não se altera.

A fé e o amor pela religião comove. A dedicação ao orixá é indubitável, mas falar que é de santo, só entre

os de santo. Pouca gente, como Francisco de Iansã, Babalorixá Jêje, que assina, na sua carteira de identidade civil o seu nome de santo: Francisco de Iansã. Poucos reconhecem a importância de se dizer de Candomblé ou de Umbanda. Falam que são espíritas e aí a compreensão é que sejam kardecistas, portanto cristãos, portanto mais aceitos.

É a luta contra a intolerância religiosa que todos têm como história de vida. Quase todos os babalorixás e as ialorixás têm uma história para contar que vai de sacos de sal despejados por evangélicos ao redor de seus barracões até programas de evangelização realizados em suas portas. Há casos em que evangélicos entraram no barracão e começaram a louvar a Jesus e foram expulsos a tapa pelos ogãs do Candomblé.

Lilico da Oxum conta que um grupo de evangélicos resolveu entrar na sua chácara um Domingo e evangelizar seus filhos de santo. Foram a primeira vez, chegaram perto das oito horas. Foram a Segunda vez e na terceira, Lilico disse que os chamou e os colocou ao redor de uma de suas imensas mesas de jantar. Alí falou-lhes que num Domingo pela manhã, em sua casa, quando ele era criança, o pai e a mãe dele estavam envolvidos com o banho dos filhos, a limpeza de suas orelhas, a revisão de seus cadernos e se aquelas pessoas estavam ali, onde estavam os filhos deles? De certo que nas ruas, aprendendo coisas ruins.

Mandou-lhes procurar pessoas sem religião, que aquelas ali tinham uma e não precisavam de uma nova. Estavam felizes. Os evangélicos foram embora e não mais voltaram.

Os evangélicos, também, foram orar na frente da casa de Railda da Oxum, mas ela não se importou. Mas, Toninha de Xangô enfrenta um problema mais sério. A polícia de Brasília, apesar de pais e mães de santo em seus quadros, está enfiada de evangélicos e estes já foram algumas vezes tentar impedir o xirê na casa de Toninha. Os ogãs da casa estão segurando a situação, mas não se sabe até quando. Ela teme uma ação mais efetiva porque o ambiente onde está estabelecido o seu barracão é muito pesado e ela teme uma represália mais séria.

Os movimentos negros, os trabalhos de restauração da auto-estima dos afro-descendentes e de sua cultura, deverão alterar o quadro atual das religiões afro-descendentes. No final de 2004 Lilico da Oxum realizou em sua casa, o Ilê Axé D'Eui um casamento de uma filha de santo sua, Ana Oliveira, com o jornalista Angolano, Artur Arriscado. Começam a acontecer, nos barracões, casamentos, apresentações de recém-nascidos e outras cerimônias religiosas que antes eram transferidas para as igrejas católicas. Justiça que se fazem às religiões a que tantos se dedicam.

E assim, o Distrito Federal já conhece a sua terceira geração de pais e mães de santo. Já se encontram comandando barracões os filhos dos filhos de santo dos pioneiros. Todos dirigindo grupos religiosos de pessoas pacíficas, que não fazem uso de drogas ilícitas. De uma forma ou de outra, a religião promove a harmonia em suas vidas e cumpre a tarefa de “religá-los” ao cosmos, à harmonia do Universo, através da força dos axés dos orixás, voduns e inquices.

Quem são os orixás

A deontologia das religiões afro-descendentes admite um único Deus, chamado Olorum. Olorum criou o Ifá (destino) sujeito ao qual estão todos os homens e todos os seres e as entidades.

Olorum criou também, Obatalá, o céu e Odudua, a terra. Os dois geraram Oxalá e Iemanjá que tiveram oito filhos: os semideuses como eles, Exu, Ogum, Xangô, Oxossi, Ossaim, Oxum, Iansã e Oba.

Os filhos de Oxalá e Iemanjá, Xangô e Iansã tiveram os gêmeos Ibeji.

Os filhos de Oxalá e Iemanjá, Oxum e Oxossi tiveram um filho: Longunêde.

Oxalá também casou com Nanã Buruku, a mãe da água estagnada, dos pântanos, e nasceu dessa união Omulu, Iroco (a divindade presa a um vegetal, para nós brasileiros, a gameleira branca, considerado o senhor do tempo), Ewá e Oxumaré.

Olorum paira acima dos homens que não lhe conhecem conceito nem dimensão, apenas podem amá-lo, mesmo sem compreendê-lo.

Na terra, menores, os homens cultuam os Orixás durante a sua semana, dentro do Barracão. Na segunda-feira cultuam o primeiro dos Orixás. O primeiro filho de Oxalá com Iemanjá: Exu. Cultuam ainda Omulu, senhor da saúde e da doença. Na terça-feira cultuam Ogum. A quarta-feira dedicam a Xangô, Iansã e Obá. Na quinta trabalham e fazem oferendas para Oxossi, Ossaim e Longunêde. A sexta pertence a Oxalá e toda a comunidade veste branco, ou roupa clara quando a casa que frequentam não é muito exigente. Isso também vale para a Umbanda. O sábado é dedicado às Iabás (os Orixás femininos) que são Iemanjá, Oxum e Ewá. A semana encerra-se no domingo com o culto aos Ibeji, os gêmeos filhos de Xangô com Iansã.

O primeiro de todos os Orixás, Oxalá teve seu primogênito com Iemanjá, gerada, como ele, por Obatalá e Odudua. Ele se chamou Exu.

Os filhos de Exu, aqui no Planalto Central, assim como em todo o Brasil, tendem a ser raspados (consagrados) como filhos de Ogum. O fenômeno acontece por causa da influência cristã na sociedade colonizada pelos europeus. Os padres, quando chegaram à África, com sua moral condenatória do sexo, confundiram ou ligaram deliberadamente Exu, representado no território africano por uma figura humana pequena com um enorme falo, ou por um cone de barro ou madeira com um falo em cima, ao demônio de sua religião. Desse modo, o orixá ficou marcado e os primeiros autores brasileiros a escrever sobre o Candomblé, como o baiano Edson Carneiro, diziam que os filhos de Exu levavam um carregamento de Exu e não que eram filhos de Exu, como se diz dos demais orixás, o que reforça o preconceito.

Na Umbanda, onde é forte a influência do kardecismo e do sincretismo, Exu está mais distante ainda do mundo dos orixás e muito mais próximo dos humanos, como um desencarnado que é um mal necessário. Uma

alma ainda na escuridão que para se iluminar tem que ajudar os humanos.

Dia da semana de Exu – segunda-feira.

Saudação – Laroîê

Variedades – No Planalto Central as giras de Exu nos barracões de Candomblé são muito parecidas com as giras de Umbanda. Os Orikis são cantados em português e as variedades de Exu são as mesmas: Tiriri, Tranca Rua, Marabô, Sete Encruzilhadas, Sete Catacumbas, Exu Mangueira, as Padilhas e as Marias Molambos, a Sete Saias, a Calunga além das Ciganas e outros.

Elemento – fogo.

Símbolo – bastão

Metais – bronze, ferro e terra.

Assentamentos – boneco tosco feito com terra de encruzilhada, argila, com olhos de búzio e cabelos feitos com prego de ferro. Pode também ser uma panela de barro cheia com uma mistura de terra de cemitério e argamassa encimada por uma peça de ferro que tem desenho diferente conforme a qualidade do Exu.

Otá – minério de ferro, azeite de dendê e cachaça.

Local – No Barracão, a casa de Exu é externa, junto ao portão de entrada. Geralmente, se localiza à esquerda de quem entra.

Vestimenta – Saiote preto e vermelho, com a banda (um pano que fica amarrado com um enorme laço, feito de estopa, no tronco). Usa além da guia preta e vermelha, muitas correntes e chaves simbolizando sua capacidade de abrir porta e gerar movimento. Gorro vermelho enfeitado com palhas, búzios e penas de galinha d’Angola.

Guias – Miçangas vermelhas e pretas.

Apetrechos – charutos, cigarros de palha, caldeirão com carvões em brasa, facas e pólvora.

Animais oferecidos a ele – bode, galo, pombo preto, e como todos os demais Orixás, a galinha d’Angola.

Vegetais – Pimenta, capim tiririca, arruda, urtiga, salsa, hortelã.

Animal – cachorro.

Comida – farofa, bife mal passado e acebolado, picadinho de miúdos, molucum (feijão miúdo, cozido, transformado ou não em pasta, com sal, cebola, dendê e cheiro verde) e limão.

Onde recebe oferendas – nas encruzilhadas ou na casa que lhe é destinada dentro do Barracão.

Características de seus filhos – apaixonados, espertos, criativos, persistentes, impulsivos e brincalhões.

*Marcos Omolocô, o cientista dos orixás em Brasília, manda tomar cuidado com o que se poderia chamar de arquétipos ligados aos orixás. Ele lembra que além das características do principal orixá a pessoa leva também do seu segundo, terceiro, quarto santo e a influência da educação recebida, do meio em que vive etc. Lembrando que todos passamos por um processo de evolução pessoal e busca de melhoras.

O segundo filho de Oxalá e Iemanjá foi Omulu/Obaluaiê.

Dia da semana – segunda-feira.

Cores – preta, branca e vermelha.

Saudação – abotô.

Variedades – Obaluaiê é o Omulu jovem e seu nome quer dizer rei da terra (Oba – rei e iluaiê – terra).

Elemento – terra.

Metais – chumbo e barro.

Símbolos – cajado (xaxará) e búzios.

Assentamento – cuscuzeiro invertido com sete lanças de ferro enfiadas nos furos.

Otá – pedra escura enrugada e azeite de dendê.

Local – casa isolada e interna, nos fundos do terreno.

Vestimenta – calça preta de pano rústico ou branco ou cru. Tem um gorro (filá) de palha trançada enfeitado com búzios, com um acabamento de palha da costa bem comprido e em toda a volta cobrindo todo o dorso de quem o porta.

Guias – miçangas pretas e brancas e búzios de Omulu e pretas, brancas e vermelhas de Obaluaiê. Portam também o Leiguidibá (colar de búzios arrumados em forma de escamas, usado a tiracolo).

Paramentos – Xaxará (cajado feito com varetas de dendezeiro e recoberta com palha da costa e búzios).

Animais que recebe – cabrito, galo preto, ou malhado de preto e branco e galinha d’Angola.

Animal – cachorro.

Plantas – Urtiga, hortelã.

Animal – cachorro

Quizila – claridade, sapo, banana prata, caranguejo e sal

Comida – pipoca (deburu), bife acebolado, bolinhos de milho (acaçá) aberém

Domínio – a terra, as epidemias, a morte.

Características – reservado, solitário, simples, trabalhador, serviçal, depressivo, doentio.

Naná, a mãe de Omulu que teria tentando afogá-lo por ter nascido deformado.

Dia da semana – terça-feira.

Cor – azul anil e branco.

Saudação – salubá

Variedades – Burucu (ligada à chuva que limpa) e Ologbo (vive junto à lama, mãe dos eguns).

Elementos – terra e água.

Símbolos – Vassoura de palha e o ibirí (bastão de hastes de palmeira)

Assentamento – ibirí feito em estanho ou alumínio.

Otá – seixo de rio deitado em mel.

Vestimenta – Bata comprida branca com detalhes em azul escuro, ajustada no peito por um pano, também azul, com acabamento em laço. Turbante do mesmo tecido, com imbé (franja de miçangas em azul escuro).

Guia – colar comprido de miçangas azul-escuro ou miçangas azuis e búzios ou colar de búzios.

Paramentos – ibirí forrado com fitas na cor do orixá, enfeitado com búzio.

Oferendas de animais – galinha, cabra branca e galinha d’angola.

Plantas – samambaia, melão-de-são-caetano e manacá.

Animal – rã.

Comida – mugunzá, sarapatel, feijão fradinho com coco, pirão com batata-rôxa, jaca.

Quizila – multidões, instrumento de metal.

Identidade – É a mais velha das mães d’água, mãe dos mortos. É quem cuida da decomposição dos mortos para formarem novos seres, protege contra feitiços e contra os perigos da morte.

Domínio – os pântanos e a morte.

Característica de seus filhos – introvertidos, austeros, maduros, protetores, mártires, rabugentos, vingativos e intrigantes. Têm saúde geral fraca e podem apresentar problemas de coração e de circulação em geral.

O nascimento de Iroco foi mágico e conta-se que quando deu à luz a Iroco, Nana assimilou o axé de uma árvore plantada por Olorum quando permitiu a criação do mundo. Assim, Iroco tornou-se o orixá do arvoredo, base do mundo e moradia de mortais e imortais.

Dia da semana – terça-feira.

Cores – Branco, cinza, verde e palha.

Saudação – Iroco i só!

Elemento – terra, fogo, água, ar e fogo.

Metal – aço.

Símbolo – grelha de metal.

Local – os locais de assentamento de Iroco são externos e sempre abertos. É representado no Planalto Central pela Gameleira Branca.

Vestimenta – bata cinzenta e faixa no peito com acabamento em um grande laço atrás, com gorro de palha.

Guias – miçanga cinzenta.

Paramentos – grelha metálica com cabo para segurar e espanador de palha.

Animais para oferendas – cabrito, pombo branco e galinha d’angola.

Animal – papagaio.

Comidas – bolo de inhame, acaçá, amalá, canjica, jenipapo.

Quizila – chuva, lacraia.

Identidade – senhor do tempo, portanto, das mutações. Morada dos orixás, árvore da vida. Domina as mudanças climáticas e o ciclo das estações. Iroco favorece transformações e protege de perigos inesperados e reviravoltas.

Características dos filhos de Iroco – São inconstantes, imprevisíveis, conciliadores, responsáveis, amáveis e eficientes. Têm, também, organismo fraco, estão expostos a risco de alergias e problemas respiratórios.

Xangô é o orixá da justiça e é tão severo que alguém que precise resolver um problema com a justiça só pode pedir sua ajuda se tiver certeza de estar do lado certo.

Dia da semana – quarta-feira.

Cores – vermelho e branco.

Saudação – kaô kabiecilê!

Elemento – fogo.

Metal – aço.

Símbolos – machado de duas lâminas (oxé) em cobre.

Assentamento – em seu assentamento deve ter pilão, gamela de madeira comum com oxé dentro. Seu otá é um seixo preto de cachoeira ou um meteorito imerso no azeite de dendê.

Vestimenta – calça estampada de vermelho e branco com saiotê do mesmo tecido, vestido por cima. Xangô porta ainda um pano vermelho cobrindo o peito com acabamento em laço e dois outros brancos cruzando o primeiro, com acabamento em laços laterais. Usa coroa e braceletes de cobre.

Guias – colares de miçangas vermelhas e brancas.

Paramentos – machado de duas lâminas com desenhos.

Animais para oferendas - cabrito, carneiro, boi e galo avermelhado.

Plantas – comigo-ninguém-pode, quiabo, sabugueiro.

Animal – jabuti.

Comida – amalá, rabada, bobó, milho assado e fruta-do-conde.

Quizila – doença e morte.

Identidade – o rei da justiça, do fogo celeste, do raio, do trovão, dos meteoritos, costuma corrigir injustiças, proteger povos contra catástrofes.

Características de seus filhos – são autoritários, severos, justiceiros, líderes, maduros, tendem a serem governantes, são sofisticados, sedutores, egocêntricos e mandões. Podem apresentar problemas de saúde como hipertensão, tensões e nevralgias.

Dividindo o reino do fogo com Xangô está lansã.

Dia da semana – quarta-feira.

Cores – vermelho e branco. Conforme a variedade de lansã, em Brasília e Entorno, elas podem vestir rosa, branco ou marrom.

Saudação – Epa hei!

Elemento – fogo.

Metal – cobre.

Símbolos – eruexim (chicote de crina de cavalo), espada em forma de raio.

Vestimenta – saia vermelha e branca com um pano cobrindo o peito com acabamento em grande laço. Coroa de cobre com imbé de miçangas vermelhas ou na cor de sua qualidade. Usa idés (pulseiras de cobre) e braçadeiras, também de cobre.

Guias – colares de miçangas vermelhas ou na cor de sua qualidade.

Paramentos – erexim e espada.

Animais para o sacrifício – galinha e cabra vermelha e galinha d’angola.

Plantas – espada-de-iansã e bambu.

Animal – borboleta.

Comida – acarajé, bobó, xinxim, vatapá, manga-rosa.

Quizila – folhas secas e lagartixa.

Identidade – orixá das paixões e das aventuras. Rainha dos raios, das tempestades, dos ventos e dos temporais.

Aquela que dá coragem, dá sensualidade e protege contra desastres e acidentes.

Características dos filhos – os filhos de lansã são passionais, audaciosos, alegres, agitados, líderes, vaidosos e podem também ser intrigantes, vingativos e irritáveis. Podem apresentar problemas de rins e vesícula biliar.

Obá foi esposa de Xangô.

Dia da semana - quarta-feira.

Cores – vermelho e amarelo.

Saudação – oba xirê!

Elemento – água.

Metal – cobre.
Símbolos – espada, escudo em forma de inhame.
Vestimenta – bata comprida de cor vermelha e branca com pano amarelo sobre o peito. Coroa e braçadeira feita de cobre.
Guias – miçangas amarelas e vermelhas alternadas.
Paramentos – espada e escudo.
Sacrifício – galinha, pata e cabra avermelhadas e galinha d’angola.
Plantas – mangueira, manjerição e rosa branca.
Animal – galinha d’angola.
Comida – moqueca de ovos, abará, amalá, manga espada.
Quizila – sopa e peixe de água doce.
Identidade – A companheira séria de Xangô, dona das águas revoltas, defende a justiça e busca o equilíbrio.
Característica de seus filhos – responsáveis, equilibrados, justiceiros, sérios, sendo às vezes reprimidos, ressentidos e invejosos. Podem apresentar problemas de garganta e fraqueza em vários órgãos.

O rei do ferro e das guerras é Ogum.

Dia da semana – segunda-feira.
Cor – azul escuro.
Saudação – ogunhê!
Elemento – terra.
Metal – ferro.
Vestimenta – calça de pano azul com pano branco e azul cruzados no peito com uma couraça por cima. Ogum é guerreiro usa braceletes e capacete de metal branco.
Guias – colar de miçangas azul-escuro.
Paramentos – espada de metal branco e capanga de couro.
Animais para o sacrifício – galo, cabrito, boi avermelhado e galinha d’angola.
Plantas – espada-de-ogum, também conhecida como espada-de-são-jorge, guiné e beldroega.
Animal – cavalo.
Comida – adalu, feijão assado, angu com miúdos, vatapá, guisado de carne, farofa, inhame, feijoada. É comum se usar o paliteiro, no Distrito Federal e Entorno para homenagear Ogum. O paliteiro é o inhame assado e espetado com palitos de dente.
Quizila – lugares fechados e quiabo.
Identidade – É o deus da guerra, desbravador, conquistador. Como diz Marcos Omolocô, é o orixá da tecnologia.
Ogum domina as retas dos caminhos, as estradas, as linhas de ferro, o trabalho. Dá forças para vencer demandas e habilidade para lidar com ferro.
Características de seus filhos – são corajosos, aventureiros, explosivos, mas de coração grande. Não são sofisticados. É bom que se cuidem contra os problemas de hipertensão, problemas nos braços e com as nevralgias.

O senhor das matas é Oxossi. Oxossi é caçador.

Dia da semana – quinta-feira.
Cores – azul ou verde azulado claro.
Saudação – okê aro!
Elemento – terra.
Metal – latão.
Símbolos – dramató (arco e flecha) e irukerê (chicote de rabo de boi).
Vestimenta – calça branca com saiote azul esverdeado, estampado. Dois panos se cruzam no peito amarrados no ombro. Oxossi traz um pano branco amarrado sobre os dois. Usa couraça de metal, capacete também de metal branco e braceletes.
Guias – miçangas azuis claro ou esverdeadas.
Paramentos – dramató, iruekê, buzina de chifre, otim, lança e capanga.
Animais para oferenda – galo e cabrito vermelho.
Plantas – milho, jasmim, manga, carqueja e cróton.
Animal – porco do mato.
Comida – axoxô, quibebe, milho cozido, tapioca, pamonha, canjica, frutas.
Quizila – cabeça de bicho e ovo.
Identidade – rei da mata e dos animais silvestres, provedor do sustento, vingador. Oxossi protege contra os perigos, protege plantas e animais.
Características de seus filhos – são refinados e exigentes, sensíveis, discretos e rancorosos. Os filhos de Oxossi podem apresentar problemas de intestino, dores musculares, olhos e bocas.

Ossaim tem o domínio das folhas.

Dia da semana – quinta-feira, como Oxossi.
Cores – verde e branco, azul e vermelho.
Saudação – Euê ô!
Elemento – terra.
Metal – estanho.
Símbolos – ramo com folhas, cajado de estanho no feitio de uma árvore.
Vestimenta – Saiote estampado em várias cores ou em verde e azul com pano branco amarrado em laço nas costas. Gorro verde e branco ou azul e vermelho e búzios bordando toda a vestimenta.
Guias – colar de miçangas vermelhas.
Paramentos – uma espécie de garfo de sete pontas, lembrando fibra de palmeiras com um pássaro na ponta central. Tudo fabricado em metal.
Animais para o sacrifício – galo e bode avermelhados.
Plantas – quebra-pedra, mamona, pitangueira, jurubeba, coqueiro e pé-de-café.
Animais – os pássaros.
Comida – canjiquinha, pamonha, inhame, bolo de feijão, arroz, farofa de fubá e abacate.
Quizila – ventania.
Identidade – curador e o dono da força das plantas. Domina a mata virgem e o axé das plantas.

Características dos filhos – reservados, voltados para as pesquisas e ciências, intuitivos e podem ser traiçoeiros. Devem ter cuidado com estafas e são dados a fraquezas do corpo, a pressão alta e tensões.

Oxumaré é o arco-íris, é a ligação do céu com a terra.

Dia da semana – quinta-feira.

Cores – verde e amarelo e todo o arco-íris.

Saudação – arro boboi!

Elemento – terra.

Metal – latão.

Símbolos – serpente e o arco-íris.

Vestimenta – saia comprida branca. Pano verde amarrado no peito com acamento em laço nas costas. Turbante feito de trança de fitas nas cores do arco-íris enrolado na cabeça e com uma fita vindo até a cintura. Braceletes imitando cobras e pulseiras de búzio.

Guias – colares de miçangas verdes e amarelas. O orixá paramentado usa dois colares de búzios cruzados (barajá).

Paramentos – par de cobras de ferro.

Animais para o sacrifício – casais de patos e gansos, cabra, cabrito, galo e galinhas brancas.

Plantas – dracena, batata-doce, cana do brejo.

Animal – serpente.

Comida – batata-doce, omolocum, banana.

Quizila – sal, água salgada.

Identidade – o mensageiro dos orixás para os mortais. Senhor da fertilidade e aquele que dá sorte, fortuna e felicidade. Protege, também, a gravidez.

Características dos filhos de Oxumaré – são astuciosos, adaptáveis, criativos, inquietos, mutáveis, inteligentes, alegres e vingativos. São suscetíveis à pressão baixa, vertigens, problemas de nervos, alergias e problemas de pele.

Filho que herdou a beleza de Oxum e a destreza do pai, Logunedé é o orixá do leito dos rios e mares.

Dia da semana – quinta-feira.

Cores – azul e amarelo.

Saudação – olu a ô ioriki!

Elementos – terra e água.

Metal – latão

Símbolos – cavalo-marinho, peixe, arco e flecha, barco.

Vestimenta – saia amarela, um pano branco e outro amarelo cruzando-se no peito com couraça por cima.

Capacete prateado com plumas azuis, amarelas e brancas.

Guias – colares de miçangas azuis e amarelas.

Paramentos – iruquerê (chicote de Oxossi), abebé de latão, polvarinho de chifre e capanga.

Animal para oferenda – odá (bode castrado)

Plantas – milhos, oriri, malmequer, carqueja.

Animal – peixe-marinho.

Comida – pamonha, acoxô, quibebe, xinxim, manuê, banana.

Quizila – cabeça de bicho e abacaxi.

Identidade – Logunedé é o jovem orixá da beleza e da alegria juvenil. Reina no leito dos rios e dos mares. Ele dá alegria, dá sorte e beleza e protege os que trabalham nas águas.

Características dos filhos de Logunedé – Os filhos desse orixá são alegres, bonitos, espertos, criativos, preguiçosos, afáveis, e às vezes, irresponsáveis. O principal risco para a saúde de seus filhos está nos órgãos fixados na cabeça e nas vias respiratórias.

Oxalá é o pai dos orixás, aquele que faz com que todos virem para reverenciá-lo num xirê, quando tocam para ele.

Dia da semana – sexta-feira

Cor – branco. Para reverenciá-lo, os filhos de santo de qualquer barracão e filho de qualquer outro orixá, veste branco em seu dia.

Saudação – Epa babá!

Elemento – ar

Metais – estanho e prata.

Símbolos – caramujo, o círculo e dente de elefante.

Vestimenta – Oxalufã, o mais velho dos Oxalás, veste saia comprida e branca com blusa de renda branca ou dois panos cruzados no peito e um pano da costa pendurado no ombro. Leva na cintura um par de corações pendurados por correntes com pomba. Porta também uma coroa com pomba branca e leva também pulseiras. Tudo de metal branco. Oxaguiã, o mais novo dos Oxalás, usa saia curta branca sobre calça branca com panos cruzados sobre o peito e couraça de metal também branco. Usa capacete branco encimado por uma pomba branca. Tem duas capangas traspassadas pelo corpo e um polvarinho pendurado por uma corrente na frente da saia.

Guias – colar de miçangas brancas.

Paramentos – Oxalufã usa o cajado de metal branco, com cerca de um metro e oitenta centímetros. O cajado, também chamado de paxorô, tem quadro rodas equidistantes, enfeitadas com sinos e tem no topo uma coroa sobre um globo e acima de tudo, um pombo branco. Oxaguiã usa uma mão de pilão, o eninodô ou uma espada de metal branco.

Animais para oferendas – caramujo, bode, galo, pombo branco.

Plantas – boldo, saião, inhame, malva.

Animal – caramujo terrestre grande (igbin).

Comida – acaçá, inhame, arroz, cuscuz, canjica branca.

Quizila – cachaça, dendê, bichos escuros.

Identidade – o grande pai, senhor das almas boas, senhor do céu, o que dá felicidade, progresso, saúde.

Características de seus filhos – líder, benevolente, generoso, responsável, confuso, ansioso, rígido, hipocondríaco. Os filhos de Oxalá têm circulação deficiente e podem ter problemas de rins.

Muito cultuada, até por leigos no Candomblé e na Umbanda, Iemanjá é a rainha dos mares.

Dia da semana – sábado.

Coors – azul claro, rosa e branco.

Saudação – odô iyá!

Elemento – água.

Metal – prata.

Símbolos – o abebé (leque com sereia, concha ou peixe no centro).

Vestimenta – saia comprida azul, bata de renda branca e um pano largo azul por cima, amarrado com laço na frente. Iemanjá leva um pano da costa na cintura sobre toda a roupa. Na cabeça leva um turbante com franja de contas transparentes sobre o rosto. Carrega um par de peixes dependurados por correntes traspassando seu corpo, pulseiras e colares. Tudo de metal branco.

Guias – colar de miçangas brancas e azuis claras.

Paramentos – faca e abebé de metal branco.

Animais para oferendas – aceita cabra, galinha e patas brancas, além da galinha d'angola.

Plantas – colônia, aguapé e trepadeira branca.

Animais – peixes.

Comida – peixe, camarão, canjica, arroz, manjar e mamão.

Quizila – poeira e sapo.

Identidade – Iemanjá é a grande mãe d'água e do lar. Domina o mar e protege das confusões e das desarmonias familiares. Iemanjá ajuda a progredir na vida.

Características de seus filhos – são protetores, prudentes, competentes, dedicados, mandões e possessivos.

Podem apresentar problemas urinários, genitais e deficiências circulatória.

Rainha do ouro e da vaidade, Oxum.

Dia da semana – sábado.

Cor – amarelo.

Elemento – água.

Metal – latão.

Símbolos – abebê – leque com estrela de cinco pontas, coração ou rosa no centro.

Vestimenta – usa saia comprida amarela com pano cobrindo o tórax, também, amarelo, com acabamento em laço.

Leva um turbante amarelo na cabeça que tem as pontas caindo nas costas. Sobre este turbante o orixá traz uma coroa com franjas de miçangas. Tem pulseira, argola nas orelhas. Tudo em latão.

Guias – colares de miçangas transparentes amarelas.

Paramentos – espada e abebê de latão.

Animais para oferendas – galinha e cabras amarelas.

Plantas – Oriri, malmequer, cebola, brilhantina e jasmim.

Animais – pomba e arara.

Comida – omolocum, xinxin, ovos, abará, ipetê, canjica e banana.

Quizila – abacaxi e barata.

Identidade – Oxum é a vaidosa mãe da beleza e da riqueza. Rainha do amor, dona da água doce. Ela dá riqueza, amor, fertilidade, protege partos e bebês.

Características de seus filhos – os filhos do orixá são bonitos, elegantes, charmosos, doces, falsos, possessivos e podem apresentar problemas de hipertensão, tensão nervosa e dificuldade circulatória.

Euá o orixá alegre.

Dia da semana – vermelho e branco.

Saudação – Ri ro!

Elemento – água.

Metal – latão.

Símbolos – arpão, cobra.

Vestimenta – saia comprida vermelha e branca com pano envolvendo o peito, terminando por laço. Pode ter um outro pano atravessado. Traz turbante na cabeça com laço atrás e uma trança de palha por cima e franja de miçangas.

Guias – colares de miçangas transparentes vermeças e um barajá, que é um colar de búzios.

Paramentos – arpão e espada.

Animais para oferendas – pomba branca.

Plantas – arrozinho e algas.

Animais – caramujo de água doce.

Comida – milho com coco, batata-doce, canjiquinha e banana.

Quizila – aranhas, teia de aranha.

Identidade – guerreira, rainha da juventude, da beleza e da alegria. Euá domina a chuva e limpa os ambiente. É a senhora da harmonia.

Características de seus filhos – são agitados, carinhosos, alegres, serviçais, às vezes, malcriados e auto-suficientes. Podem apresentar problemas respiratórios e intestinais.

Os gêmeos, ibêji, orixás crianças.

Cores – vermelho e verde.

Saudação – Omi beijada!

Elemento – ar.

Metal – estanho.

Guias – miçangas verdes e vermelhas.

Vestimentas – saia colorida com pano cobrindo o tórax terminado por laço e turbante do mesmo modo.

Paramentos – abanos de madeira e brinquedos.

Animais para oferendas – casal de franguinhos.

Plantas – jasmim, alecrim, rosa.

Animais – passarinhos.

Comida – caruru, cocada, cuscuz, frutas e doces.

Quizila – morte e assobio.

Identidade – É o orixá duplo da infância e da alegria. Reina sobre o amor familiar, os partos e a infância.

The Orishas DANCE AT THE PLANALTO CENTRAL

Preface

The very first proposal of this work was to carry out a census, which could allow one to visualize both the life in African descendant temples and the economic, financial and social conditions of their followers, clearly aiming to build up programs supporting that social segment.

Impracticable due to financial matters, the census became a pilot research with anthropological aspects. Although they do not represent the real number of temples in the Brazilian Federal District and surroundings they will at least provide the readers ways to know about the origin of the afro-descendant religion houses and also the way they have been established in that areas, as well as the religious clan they belong to and how they are spread through out the Planalto Central. Actually the whole work embodied about over thirty houses and the living in each one of them was limited to interviews that make this essay much more introductory.

Indeed this study does not have the strength the African descendant religion deserves, since they were and still are the messenger and bearers of African culture in the Planalto Central. Certainly this work will be marching on together with the third millennium start. We intend to collect other studies from this initiative as well as encourage researches about this subject.

The orishas' dance



Foto: PedroLex

Almost every Saturday in the Planalto Central, a place commonly known as the center of power in Brazil, an adjá shakes, echoes a já and the atabaques (barrel-shaped drums) play their beats unifying the heaven and the earth. A xiré starts. That is the very moment when orishas, inquices, santos and ghosts come down on land to join the earthlings.

Thus the language is to change: the Santos, as the orishas are known, they ask for having Portuguese replaced by Yoruba. All of them sing oros and orikis in Yoruba and they feel like the ocean does not exist any more, because the African continent is near Brazil. Thus, they become one single people singing and dancing in a holistic prayer never ever said before, by moving body and head, feet and living histories which crosses among guias, backcloths, water, candle, Baiana's clothing, white clogs and trances that only a tasteful food served at the end of a xiré may reestablish normality to their bodies bringing them back to quotidian reality.

The Candomblé, the Umbanda, the Légua-boji and Omolocô are the afro-descendant religions that summon orishas to dance in the Planalto Central with its great exuberance of details, costumes and manifesting spiritual strength.

But a question is arisen: how did those religions come into Brazil in such an ancient epoch through slaver ships boarded at Bahia de São Salvador? How would they get to the Planalto Central? Where would it be supposed to overcome techno-bureaucracy and earthly power policies, as well as legal build-up with which they would head the country?

They did come with their bags, on wagons, on buses and airplane compartments as well as their hearts and heads, on risked movement of transportations, the instabilities of housings, their silent missing, with travel diseases, with hurts that unifies everyone into that we know is stronger than every human being and brief entire mankind: the need for God.

One says the religions clans came about forty years ago in an area aimed to be Brasilia and surroundings so they set themselves as a terreiro (outdoor place where voodoo is practiced) of Candomblé, also called "casa de Umbanda" or "mesa de Jurema". They were struggling for legal recognition supported by the Federação do Paiva against all-out persecution, as long as they were resisting aggressions, religious intolerance and prejudice.

The fearing heritage caused by riots against the clans' cult present in the shift. Umbanda and Candomblé have their rites in the night. Lots of temples were set in small rooms, wooden shanties and coverings used by the works in the new capital construction. Those religions are known as beneficent religious cultural society, although the registry not always could keep their humble temples safe from policemen attacks, then having their cults and celebrations interfered by, as well as the destruction of their offerings.

Spiritual leaders, the deities guardians, built the wooden shanties as they like being called, though everyone is known and respected as pais de santo (Candomblé priest) and mães de santo (Candomblé priestess).

The explanation for such a sort of vocation is that of not to be the real deities, orishas and inquices, pai de santo or mãe de santo, but that of being keepers of the very cults, tradition and origins as long as they multiply their followers.

They are hard-work people with fantastic dedication, with their lives in which they have been filling with plenty of commitments as time goes on. The more those people heighten a firm and heavy hierarchy the more are reset the activities held by whips of ebós, whips of new followers, whips of hard sacrifices and offerings. Thus the

whole body given to orishas in trance, dances and fatigues and rests from the obligation of ronco.

It is a common voice that almost all pais de santo sometimes got away from foreseen sacrifices, still at the childhood time or at the start of youth with a common calling such: "That girl will be a queen! She will be a very famous yalorisa!" The predicted feeling and upcoming prejudices throughout imposed sacrifices to the first followers by making them run, hide, shelter into Christian churches and, as a result, getting them away from their own religion and then turning all into an agnostic lifetime. The deity, the orisha, the inquice, the caboclo (old Indian spirits from the tribes of the jungle), the padilha and the gypsies will take them back again. The work field is such a destiny, which no one can leave away.

Some of them placidly devote themselves to the Santo. Diseases, life difficulties and also incompatibility among conventional theology studies are reasons that sometimes beat some of those people turning them calm, but not all. Some become revolted, receive signs and otherwise search them too.

"Raida da Oshum" did it. She was a very beautiful afro-Brazilian, being a beauty queen at seventeen, plenty of Januaries ago. After ronco, a period of worship, religious tasks and sacrifices, she was crowned in the Planalto Central.

In December 1st, 2004 she was given the title of Brasília Honorary Citizen by the House of Representatives of Brasília, confirming a very prophesy saying she would be a famous queen, the single yalorisa born on an eight-people boat led to the Candomblé initiation.

Railda de Oshum's terreiro was born at the Shango's quarry, to which she was committed before Ms. Mãe Menininha do Gantois's conch sieve. He demanded this. Would it be such a coincidence? The lot bought by her second filho de santo to gift her with a hundred forty cruzeiros, the current coin at that time, divided into installments of forty promissory notes signed for thirty-three cruzeiros and seventy-five cents, it was pure stone.

Stones and snakes, the stones were used on the buildings. The snake found on that lot now testifies our current history so far.

They stand mummified in the Oshumare's room, an African Goddess, which is represented by a snake figure, dances like a snake and links the heaven and the earth into a wide and bright rainbow.

The chácara was too stony, but the generous son could realize a fertile land with a massive amount of freshwater. That land was obviously holy and the yalorisa's life was so bound that Ogum visited her promising help for the building. He showed up himself as a black, almost two meters tall, being poorly dressed. He came closer at the chácara gate while she was preparing a farofa for Eshu, whom was to ask whether he might come on in. Soon the young lady allowed him to do so. She was too young, being about her twenties. She was scared, but had him a glass of water. During the whole day that strange personage sang: "Ogum oiá/ Ogum oiá é de Menê/Ogum oiá é de Menê/ oiá Oiá é de Menê".

Suddenly after a while the yalorisa got know from another pai de santo that Ogum had visited her. Since then, for obligation, Railda started to give a jug of water at a railway and sacrifices a cock there for paying tribute and thanking him.

After so many signs and prophecies, why not accept her destiny? She opened her door, build a barracão exactly the way the orisha Ogum had required and under the vain orisha Oshum's robe, she has still been doing her work in the Planalto Central, calling her spirits for dancing, looking after her needy people, by sheltering them, reaching work opportunities to some of them and giving faith and hope to others and, in this way, getting new followers.

Experiences are unique and similar at the same time. Cícera de Oiá, yalorisa from Ilê Axé de Oiá, started worshipping since she was a little girl with trances in Umbanda incorporating "cabocla Jurema" at her father's

terreiro set in Sobradinho city at the 60's. She never had a simple girl life. Hard ways were always called by rites of priesthood, while she would live with both people's incomprehension and love of those ones whom went forth asking for help to their spiritual illnesses.

Much she has been doing and devolving that she was given the terreiro as inheritance from her father. He himself had come from Recife where would incorporate the "caboclo gentil". At that time, at the end of the 50's, Brasília was the big lucky chance to many Brazilians who intend a better living coming from the pledge of guaranteed work, housing, and hope. He got to Brasília as others, looking for survival in the new capital. But the caboclo wanted him to reach the priesthood, thus he had to go back to Umbanda.

Formerly he would serve in a houseroom where he would live with his wife and eight children. He used to play the songs to the "caboclo gentil" in the residential area itself. Then he officially made his activities in that house, which never took place over midnight so as to avoid big troubles. That room was not enough for his works and so he decide to build a barracão at the back yard and after a long he finally succeeded in buying what is called the special area 9 in Sobradinho. Nowadays his daughter, who inherits that area from him, has changed the social aims in the notary public registration to Ilê Axé de Oiá.

Cícera de Oiá had her hair cut by an Angolan called Rui de Oxaguiã, in order to be converted into Candomblé. Rui de Oxaguiã is a pai de santo who has established in Rio de Janeiro for over thirty years and at the very beginning of Brasília he came to that city invited by an irmã de santo. He enjoyed Brasília and decided to run a temple in that city without closing another already done in Rio de Janeiro. Rui de Oxaguiã plays the Angola and Keto.

Rui arrived in Candomblé through his father. An illness at age of seven made his father bring him forth a barracão and since then Rui de Oxaguiã, that achieves 58 years of religious activities in 2005, never left this religion, being tutored by "Natalina da Oshum" in the state of Bahia.

This family expelled Rui de Oxaguiã. Thus he made his mind to go to Rio de Janeiro at age of ten and he was lucky for finding his mãe de santo right there. He stayed in Rio de Janeiro for a long time. As a whole man, Rui de Oxaguiã knew Joãozinho da Goméia, also a Baiano, who moved on to Rio de Janeiro at the forty decade.

Rui consider him as a wise elder in Candomblé whom once disobeyed lansa so as died for it. lansa was his head orisha that had given a task to Joãozinho, which he must accomplish in the Gantois, in Bahia. On his return he was told a diagnosis about a cancer that was likely to be the cause of his death.

There is another personage called "Lilico de Oshum". His familiar structure was broken down because of the death of his father. This fact brought several conflicts into his family. So far he and his youngest brother moved on to Brasília so as to live with their mother whom had come to Brasília first, as soon as she had broke up her husband, the babalorisa's father, at his earliest ages. Immediately she got to Brasília, she began to redo her life.

Lilico was twelve years old when he arrived in Brasília, so far he lived in Pernambuco where he stood his santo.

Lilico's birth seemed to foretell his linking with spiritual issues. It is said that his mother being pregnant and extremely sick in the seventh month, gave the case to Oshum because she had belief that his disease was that of spiritual order. What is known is that the midwife whom succored Lilico's mother did the labor incorporated by an African spirit called "Tia Puquéria".

Lilico was born sick, whit heart disease. During his childhood he was six years old when his very first spiritual incorporation took place at a priest school.

Because of that his father was required fast to take care of the boy. The headmasters warned his father

about a sort of spiritual illness. Suddenly his father agreed although he did not want his family involved in any sort of spirits. Concerning Lilico, he never minded and did not feel like anything weird because that situation has occurred many times before.

Lilico was introduced the very first time to the religious task by his stepmother that did so against his father's will as he was traveling. After the death of his father, Lilico himself moved to Brasília and his mother helped him about the delayed religious tasks, by supporting him, because she was linked to spirits, being daughter from Omulu with Oshum. Even though she did not have any commitment with any barracão, she used to frequent the temple of Umbanda as helped it.

In Brasília Lilico had the opportunity to know Ms. Dona Violeta. She was the former white woman baptized in the "terreiro do Engenho Velho", in Bahia, and she was daughter of Ms. Senhorazinha de Shango. Ms. Dona Violeta adopted Lilico as a son and had a great influence on his training. The upcoming priest studied as worked cleaning apartments for earning a living.

Lilico was fifteen when he had to go to Recife in order to accomplish his seven-year-old mission. On his return to Brasília, he had already been introduced to his spirit called Iba. Back to Brasília and settled at Guarά, Lilico ran the Ilê Axé Deuí. Following this, Lilico brought up his first filho de santo as soon as he achieves to buy a chácara in Aguas Claras, city next to Brasília. His son has now 36 years of work as a babalorisa set at Lagoa Seca, a neighborhood in the state of Ceará.

Pai Lilico works in a barracão set in Sobradinho named Centro Espírita Caboclo Boiadeiron - Ilê Axé Deuí. The beauty of his barracão and its fame confirm an ancient prophecy done in his first religious task that was that of being a great pai de santo.

It is also prophetic the Paulo Ogum lara's lifetime, an Umbanda pai de santo. He is one of the greatest supporters of his afro-descent ancestry. Paulo comes to Brasília from Vale of Jequitinhonha, district in the state of Minas Gerais, where he was a seminarian.

It seemed he was to serve God as a catholic, but this was not his fate. He left to Bahia, up to that time he was a priest but his stay in Bahia probably made him get away from the catholic circle, leading him to Umbanda, at an Umbanda centre called Mata de São João, in Salvador city. He started worshipping it. A time passed by until Paulo Ogum lara comes to Brasília so as to join the Centro de João Bahiano. After that, he headed a social non-profitable shelter called Lar Social Vovó Conga led by a judge, Ms. Ilza Cléia. In Brasília, Paulo Ogum founded the Centro Espírita Ogum lara with the help of a spiritualist group.

The city steps over the terreiros line

There was a serious concern about registrations, and legal compliance of all procedures on which would permit the rites for orishas, even the population growth sometimes interfere the religious action by demanding more and more area.

Marcos Omolocô is an example. He is a civil engineer, good at Yoruba, married to a woman whom is a trader of spiritualist goods. He bought a farm at the earliest time in Brasília for performing xirês. His farm was bought over thirty years ago in Vicente Pires neighborhood, in front of Guarά City, southern of the Brazilian Federal District.

Marcos Omolocô continues his work brought from Rio de Janeiro where is set his chácara. There was almost nothing thirty years ago, but now when his barracão is visited, every one is stroke by the massive urban development, and the area itself has been turned in to one of the largest condominium in the Brazilian Capital.

Among the urban growth, new neighbors appear. But Marcos is secure about them because of a respectful relationship and solidarity stood between Marcos and his neighbors, although he never stop from caring about drum-sounds intensity in order not to disturb his neighbors and, for doing so, Marcos built a covering over his barracão framed with weaved-egg boxes.

Similar situation occurs at the chácara of Mr. Juarez de Oxalá. Juarez has a chácara in public notary registration as well as in the local federation. Bit to bit he sees his temple, which was built for Oshala, getting closer the city. Set up at the Guarά's chácara area and opposite the chácara of Marcos Omolocô's, the Juarez's chácara is in danger because of the pilot-plan city vicinity, though it is in a chácara region, which menaces the former projects.

The pai de santo's concern is about a point slightly glanced by your eyes and not translated into words, the uncomfortable atabaque sound and jingles to which can be listen so far away the Christian chants and prays generally preached on high voice.

Because of that, Toinha de Xangô, established in Mestre D'armas, a village at Plantations de Goiás, a city at outskirts of Brasília, diminished the xirê schedule more and more until taking its beginning to evening. She also bought a chácara for away from the city. It was three lots on a field patched for building a condominium, the great fever in Brasília, and then she had her barracão enclosed by lots of houses, even at its corners.

The Umbanda and Candomblé barracões registered as cultural or special area, as Ms. Mainha's situation (Mãe Marinalva), mãe de santo whom performs Candomblé and Légua Boji at Santa Maria city, or Ms. Cícera de Oiá whom performs Candomblé in Sobradinho, both do not have to be worried, because they are definitely protected by the urban planning law of the Brasília district. But the others 27 barracões might receive any sort of legal interference.

Recently the Candomblé community had to meet itself so that to protect Lilico da Oshum, set up in a chácara bought at Sobradinho II, an extending area installed by the current governor Joaquim Roriz, in his third mandate in the Federal District. One day Lilico was waked with orders for evacuating that area, but he won at the first moment, by gathering the lawyers' efforts, those one who frequent his terreiro. But Lilico could not avoid losing a part of his area that became shortened. Lilico is struggling for turning his barracão a public patrimony as long as it is the oldest barracão in Brasília. So was said by all interviewees.

Although guarded by time and her husband's participation in a restructure of a condominium, Iyá Dagã, whom performs Angola in Sobradinho II at Setor de Mansões, is relatively unsure about her situation. At that

address she lives and has a well structured barracão, but encircled by houses by all sides. As a matter of fact, she still works on because she performs a few times a year and this smoothes the discomfort caused by atabaque sound all night long.

But the major difficulty is that of Wanda de Oshum who perform Umbanda at block I in Sobradinho among a residential area. Her barracão is at the backyard. Equally occurs with Rui de Oxalá who performs in Ceilândia city. Both of them keep performing in those areas during thirty years. There they have been living, making friends, so extending gospel churches in the neighborhood. That bit to bit causes problems and perhaps a peril for the pais de santos.

Truly, the further any barracão is from the pilot-plan city, safer is for its follower. It is the reality of Railda da Oshum, setup in Cidade Ocidental; Joel de Oshala and Aurélio de Odé, set up at the rural area in Planaltina de Goiás; Francisco de Yansã and Gabriel de Oxalá, Antonio de Oxossi and Carmem de Angorô. This last performs Angola at an area in Gama, city in the south of Brasília.

Federation

Pais de santo and mães de santo make registrations in notary public in order to protect themselves. They do so at two acting federations in the federal capital: the “Federação de Umbanda e Candomblé”, of Mr. pai Paiva (no longer living) and the “Federação de Cultos Afro-descendentes” headed by Gabriel de Oxalá. Recently both federations have made an attempt so as to merge.

After the Mr. Paiva’s death, who performed Candomblé until 2003, he let the federation in charge of Ms. Mainha (mãe Marinalva) who, so as to make the Yemanjás’ celebration in December 31, joined with Gabriel de Oxalá so that to make a joint effort. But even so they did not achieve public fund and just the same that was not enough to make them give up. Thus the celebration was stood at the Prainha beach (near the Paranoá lake). After the celebration no one knows how the negotiations went on and whether the two federations could conclude the merger or not.

The most important in it is that of making them a real representative institution for afro-religions and afro-descendants as well as for their interests. Actually no one can say that any of them are truly representative. At aside deserved praises are commonly addressed to Mr. Paiva as well as Gabriel de Oxalá. Frequently, pais de santo complain about both of them, the federations, for doing almost nothing for the casas.

They have not felt well represented. But a meeting, set up by an NGO, was a chance for discussing such issue, the major complain was that of a lack of a speaker with enough credentials so as to negotiate with civil authorities for giving protection to Afro-descendant religions, guaranteeing them equal conditions offered to several churches set up in the Brazilian Federal District. They, the pais-de-santo, do want public lands and resources for running philanthropic and human development programs.

They also miss a major ethical control that is a very fragile issue. The “Federação de cultos Afro-descendentes”, led by Gabriel de Oxalá, plans a council of priests apt to attend each new casa-de-santo is supposed to be set up.

The casas de santo or barracões perform xirês, giras and mesa de jurema. Nobody among thirty interviews with over two hours on average, no one could be upset on the point of having a ready tale to tell about any dishonesty from a priest, perhaps the ethic itself has shut them up.

The major concern on this field is to avoid the pais de santo with their whole tasks given as well as the years of established devotion, the pais de santo be confused with tricksters, pseudo-clairvoyant or any sort of self-called medium whom set up themselves on saying they themselves are yalorisa or babalorisa. In short the pais de santo are longing for an institution which congregates them, give them judicial guarantees and help specially at difficult moments as well as support for land problems, about that the unique solution is to register them as public patrimonies.



Foto: PedroLex

Pais, mães, doté and baomi

The babalorisas and yalorisas from temples that compose this sample are called pai (father) and mãe (mother) by their filhos de santo. Just at two terreiros were heard the word dote. It means pai (father) in clans of Jejê and Baomi. The babalorisas are graduated after a long time from the initiation until the whole apprenticeship. As the religious followers are used to say among them, the whole thing begins with a bath of leaves and macerated herbs: the amassis. After that, the so-called obligations start. The first one is a Bori. Everyone goes through it, but at the Ms Mainha's house, which performs Umbanda and Candomblé and has mesa de jurema, is quite different. Formerly the filhos de santo must receive the doctrine in Umbanda, as she says, so that they offer their obligations to Candomblé.

At the Paulo Ogum Iara and Wanda de Oshum's house where Umbanda is performed, the initiations also start with baths, lavagens, spirit guides and bead necklaces, such necklaces that may regularly seen on the filhos de santo. They move in circles and at this moment they incorporate spirits, receiving them in such round movement, called giras. The major obligation is to attend the gira three times a week. The casas de Umbanda perform on Mondays, Wednesdays and Fridays. Also they incorporate spirits with precept and retirement after nights of three days plus one month with precept.

In this month the Umbanda filhos de santo wear what they call the contra-egum that is a straw-woven lace with conches. Then the filhos de santo may not stay out on the streets after 6 p.m., except for the work duty. A jingle-woven lace on their legs is also wearied of initiation

Those who are to be initiators after the bori of water, cold bori goes to the circle or frequent the house attending as assistants. This frequency is observed in order to know whether they were able to adapt or not, as Ms Mãe Railda says about the Candomblé traditions. Thus the abiã, as is known the one who is to be initiate, starts learning which are the most important in Candomblé: respect, house hierarchy and humbleness for the accomplishment of works in order to satisfy the orishas.

In the casa de Candomblé, distresses of mortals are reported to the boiadeiros. In Umbanda distress of mortals are reported to spirits. But orishas, these ones are to be pleased.

In the barracão, both in Umbanda or Candomblé, the filhos de santo must clean the terreiro and take care of it as well as prepare the santo's food. Thus each santo or orisha has his own food, to which one or more sort must be served.

There are several kinds of dishes for santo, e.g., the amalá of Shango that is prepared with okras and shrimps; the acarajé of Iansa, which, in Brazil, is prepared with mashed beans and are fried in dendê oil; and the popcorn of Omulu. At Planalto Central there is a serious worry with the preparation of the santo's food and every filho de santo must know to make it.

The filhos de santo are trained to collect sacred herbs after midnight to not make them lose their axé, vital strength and energy that comes from the heat of the sun. They learn of the proper washing concerning ration clothing, that are long skirts and its respective shirts, also called camisas, which altogether compose the uniform in the barracão. For men, paints in madras and straight smock as costumes for housekeeping. Thus the women do for the washing of the Baianas and its half-slip. This last would serve to avoid inconveniences while they are dancing incorporated for the orishas.

They learn of washing and taking care of ojá, an object which holds women's hair as hide them as well

forming a head turban and back one, a large tissue strip weaved on its tips, generally laced. This fabric is extremely necessary in the Candomblé activities. It can be turned into a skirt in case the filha de santo has gone to xirê wearing paints. It eases the orisha dance.

The ojá is set on the head of that one who is not ready for incorporation of spirits yet. This rite is called bolar. The cloth is tied diagonally on a filha de santo's body as long as she incorporates her orisha in order to define whether the orisha is masculine. The filhos de santo learn a round dance as well as to bend over while the orisha dances. They light candles for their santos where stay in front of their quartinha, a sort of small room for worship, in the orishas' day or the orisha that looks over the one's house.

Once all procedures are well know, time has come that the filhos de santo have to make his very obligation about which will be harder if he incorporate the orisha. If the filho de santo receives the orisha, once so, his obligation is the sign, which indicates the filho de santo must die for the worldly life and to be born for a new family, a santo family. He is going to receive a new mother or father (mãe or pai de santo) in case she is a yalorisa and he is a babalorisa and a group of brothers who the filho de santo must respect.

The solemnity of blessing is unique among the Afro-descendant religions. The filhos de santo at any degree must greet his brothers and sisters as we as his mother and father by asking for their blessing. It is always going to be answered with the head orishas' name of those who are greeted, for example: "Iansa blesses you", "Ogum blesses you" or just "My father blesses you" or "My mother blesses you". After answering what has been requested, positions are replaced. Then, the filho de santo himself asks for blessing, but he is yalorisa or babalorisa.

The abiã's obligation of initiation is too long. It takes twenty-one days for those whom is going to be iaô, priest initiator that incorporates the santo. It takes fourteen days for cargos, those whom do not incorporate the orishas but they set themselves at the orisha's service when orishas are on earth whether incorporated or not. Taken to the roncó, the filhos de santo are going through a while of introspection and retirement. According Cícera de Oiá, the filhos de santo will know one another better and ponder on lifetime as well as learn the dance for orisha's, orocós (prayers) and orikis (chants to please orishas).

Around these upcoming priests' neck is the quelê, a heavy-beaded necklace signing humbleness as well as reminds them that they should not lift their heads up during the twenty-one-day or fourteen-day period. One speaks softly in roncó the initiator to priesthood, alone or in a barco, which is a group of initiator making obligation at the same time. They lay on a mat called decisa, surrounded by gifts as a show of sacrifice as well as humbleness act. The food is eaten with their hands and they walk on naked feet, so as to be closer the orishas.

The saída do santo (going-out of santo), how is called so the obligation end, is made like a great celebration. It is very cheerful and goes on with fireworks and happiness wishes. Both iaô going-out and the iaô itself are performed in four steps in the Brazilian Federal District. The iaô is introduced by the pai de santo or mãe de santo and the dance is followed by yakekerê, upbringing mother in the casa that takes care of iaô, by dressing him, keeping him clean and feed him for a twenty-one-day roncó. She leaves the roncó exactly as she entered it: simple and on naked feet with her head lay down. Following the yakekerê's covered going-out comes the iaô's one, covered in a special painting composed of lots of spots so as to be supposed to protect him. There is still a third going-out. At this time he is covered in white, the Oshala's color, as the Oshala is the orisha's and filhos de santo's father. Finally the iaô goes out incorporated by his orisha dressed with his tools and his costumes on which are beautifully ornamented with symbols.

In the first three going-outs the iaô plays the paó at the places of axé in the casa. Two filhos de santo, a man or woman and vice-versa, take the decisa toward the iaô who bend over it obediently and give three long ap-

plauses followed by seven short ones to announcing their obedience forwards the orishas of the casa, their pai de santo and mãe de santo's orisha, as well as their own orishas and the casa hierarchy.

After iaô's going-out they stay on more three months in precept. At this period they may not sit on chairs, benches or similar seats but on the floor. They may only eat by using their hands as well as drink with their own agate mug inaugurated in the roncó. They may not take off the quelê but for bath, they may not go out after evening, except if they need to work, they may not frequent parties as well as drink alcohol and they may not go where a mob is. They must not be touched. Their bodies are purified and prepared for the orisha. Then after three months they return to quotidian life. The cargos keep the same precept for twenty-one days.

The obligation is made along one year, three years and seven years then the priest conquer more rights, the Decar to which gives the priest a special condition for opening his own casa. Through this obligation the conches (búzios) secret is taught.

The búzios plays an important role in the Candomblé and Umbanda. Nothing is done without consulting them. The búzios communicate the orishas' thoughts and will as well as express the one's fate (odu). Moreover the búzios bring the santos' message and sign what each person, filho de santo or not, is supposed to do to please them. Everything in a casa de santo is determined by and through the búzios.

Frequently the priest after seven years long he still stays in his pai and mãe de santo's casa and does his obligations at fourteen years old and twenty-one years old. The cargos are not supposed to lead casas but in special cases.

That is how things go on Brazilian Federal District and surroundings, so as the cargos, priests of the casas de santo who do not incorporate orishas.

The tasks are different for men and women. Men are Ashoguns (those who offer animals as sacrifice). Ashogum means knife-hand. Men are also Babalossaim (those who take care of herbs), Ogãs (those who play the atabaques) and Alabês (those who call the orishas through their chants while xirê is taking place).

The women are called equedes, word that means: women whom are to take care of orishas when they come to dance in the world. They may become yakekerê, upbringing mother that looks after the filhos de santo in roncó.

The apprenticeship of Candomblé for all iaôs and cargos is transmitted orally. Every filhos de santo has a little notebook on which he takes notes about things they consider the most important or hardest issues to keep in mind. After seven years having the iaôs their obligations done, they are invested with all rights, on the day when they leave the roncó, occasion when a huge celebration is prepared by their religion brothers so as to commemorating the deed. He or she must recite prayers in Yoruba, kept in mind, as it would be an oral test to which every-one supports positively and, therefore, they never fail.

Since then, the filho de santo is invested with all rights in order to have permission for opening their own casa, however few of them are supposed to accept such a mission or have it in his odu (fate) in his lives. The Decar is the joint of all places that the filhos de santo achieved to uniting in the casa de santo and in addition in the axé that is given to them in order to make them able to open their own new casa.

Although it reports to a very demanding religion, which requires great responsibilities, obligations and sacrifices from its followers, the temples, the casas de santo and barracões are full of followers. The filhos de santo who are to be priest represent sixty filhos de santo per casa on the average.

Xirês



Foto: PedroLex

The xirês are public celebration in the barracões, where occurs five or six celebrations a year on the average. The Omulú's celebration (health orisha); the Oshalá's celebration; the labás' celebration (the feminine orishas) and the ibeji or erês' celebration as known in Candomblé, and Umbanda are called São Cosme e Damião's celebration. However sounds and beats are heard many times from the barracões along a year. It is meant there are further xirês because of the filhos obligations in the casa.

The xirês are preceded by the "despacho of Eshu". The majority of pais de santo and mães de santo interviewed said it is a misuse to mention about this rite through the word despacho. The despacho means an offering to the orisha that is the messenger between the heaven and the earth as well as it is in charge of the barracão safety. This offering is generally made up before night, a long before the start of the scheduled ceremony, always at nine p.m. The offering consists of farofa de dendê or honey. Any of these are to be set in the Eshu's casa. The xirê itself begins at the calling of adjá (a sort of jingle) for such purpose, played by an mãe de santo) and at the immediate beat of atabaques.

Then the filhos de santo take position in a line. Women are dressed as Baianas in kaftans if it were an equede. Men are dressed in white pants and under a crude robe also white. All of them take position in a circle and keep on dancing since the beginning all guided by the music of atabaques, gã and orikis as well as the chants in Yoruba. They formerly dance and sing for Ogum, the second orisha, a warrior orisha master of iron and technology.

Independently upon the nation (Angola or Keto), in the Brazilian Federal District, the xirês follow the same calling sequence: firstly the orishas that represents the male gender (Oborós). After the orishas that represents the female gender (Yabás). At last Oshala, it is important to say, he is not the upper lord but he is the father of orishas. The upper lord is Olorum. He is above all, above the earth and the heaven. Thus the religion is not polytheistic as they say. Some researchers as Marcos Omolocô affirm that Olorun is unattainable and so above the Goodness and the Evil.

After they chant for orishas, four, five, six times, their canticles are heard and attending this calling the orishas go forth the earth. The heads that incorporate them go far away from the human reality in order to cede their bodies for the dance of spirits. Once an orisha is incorporated, immediately an equede delicately takes off the sandals from the one who is incorporated so as to free his feet for the orishas' dance. She takes off his ojá (a turban worn by whom dancing around while the xirê occurs) as she also unties his backcloth.

Whether the orisha is masculine then the backcloth is tied across the one's body incorporated. Whether the orisha is feminine, it is simply hung up around his neck and it may serve as a guide in addition to the sound of the adjá over the dance of orishas.

Firstly the sacred dance goes in a calm and slow way, however the junction of strength from the earth, as the strength from the oriquis and the powerful rhythm from atabaques that may be turned into a vibrant dance which is representative of the characteristics of orishas. The Ogum dances as to imitate a warrior, also to represent the iron strength, a virile dance that reaches its apex by facing the atabaques. Shangô dances for his very fire as Yansã shakes her erexim (a whip with fur at its tip) and Oshum, the Goddess of river waters, simulates a bath as dances, while she is looking at herself on the mirror so as to confirm her beauty.

The dance of nana and that of Oxalufã, the old Oshala, are very demanding. They are like a sort of curved dance almost bending into a 45° angle, which sometimes scare the passing viewers unaccustomed to it. The danc-

ing way makes one wonder that after the orishas leave the iaôs' bodies these ones will not be any more erect.

Equally special and beautiful are the dance of Omulu, with more rhythm and not so fast as the one of the Obaluaê, which is the same orisha (it is the younger Omolu). Ossaim is the master of leaves; Oshumaré is a master represented by a snake symbol, which unites the heaven and the earth into a brilliant rainbow and he performs a crawling dance as similar as a snake movement. Oxossi is the hunter, master of forests. He dances as if he were hunting with an arch and arrows.

In the Brazilian Federal District is supposed to be found filhos de santo from sixteen orishas linked to the afro-descendant family. However in any barracão is not supposed to find all of them. It is very commonly in the casas of the Brasília when the followers chant to Oshala, the other orishas return to the world so as to dance with him. It does not matter whether they, the orishas, had participated in the same xirê at the same occasion in which they had been called by orikis.

After chanting to Oshala, the priest addresses the xirê finalization toward the participant. Then they again take a position in a line so as to leave the barracão at last. The assistance that so far were limited to applaud the incorporated orishas while they were dancing or touching the ground through the fingertip as asking for protection from the santo by shaking heads, slide fast to the contiguous hall where the dinner and beverages are to be served. Generally the beverage may be sodas, aruás (a sort of corn drink), even beers or wines.

When the xirê is the celebration that belongs to the casa, both food and beverage are to be served after the xirê to guests and filhos de santo. The priests and initiators, which are companions in the casa, sponsor food and beverage. They always contribute to the needs of the casa.

When the celebration is for a cargo or laô's obligation, they sponsored it. If the filho de santo whose obligation is offered has no money, then he poses a roncó needs list as well as a celebration-list in order to be helped, and he collect the donations given by his irmãos de santo. In the barracões solidarity is a current attitude. The lack of money is never a reason for keeping someone from offering obligations.

The xirês correspond to the giras of Umbanda.

In Candomblé, one dances once a month, sometimes less. In Umbanda, that happens three times a week. Monday is the left day as they call the giras of Eshu. Wednesday is the Preto Velho's day, good spirits that can cure ill people as teaches them to prepare medicines from leaves or root as well as to guide them to look for men in white, how are the doctors are called, and then Friday they receive the orishas.

In Umbanda, at the Planalto Central, the syncretism is very subtle when the matter is to name the orishas. But the syncretism is great when the altar is observed. At the beginning of the gira all filhos de santo touch their heads. This represents a sacred beautiful dance. In this dance, the filhos de santo, two by two, without gender distinction, go toward the peji, a big altar set at the barracão backyard and lay on in order to touch their heads on the floor for showing respect and humbleness.

With so many days of rites in Umbanda, it would not be possible to provide food to the assistance. In general enough coffee is served since the giras go on through the midnight, and there is always a big pot in the kitchen to feed the filhos de santo.

From Umbanda to Candomblé at the Planalto Central, many entities were transferred which do not make part in the originally African patterns. One example is Mr. Zé Pilintra, a very dear entity with a strong popular devotion. This entity is to solve problems concerning sons, alcoholic husbands and money. "Seu Zé", as his devotees know him, participates in amazing celebrations at the casa of Antonio de Oxossi, a pai de santo from a traditional Umbanda family in its second generation. However he was initiated in Candomblé. Nowadays he has a huge barracão

where the Candomblé is performed in without leaving his origin from Umbanda, especially when Mr. Seu Zé is mentioned.

There are some casas of Umbanda in which alcoholic beverage are not had, not even when its activities are done by playing the atabaques with hands as the most. In this casas, we can found out a close semblance to Kardec's spiritualism and generally a big image of Jesus is stood in its altars. It is remarkable that in the Umbanda altars can be found images of the Holy Spirit, Jesus and saints that in the religious syncretism represent the orishas, e.g., the San Barbara that represents Iansa, and Nossa Senhora da Conceição that represents Oshum.



Foto: PedroLex

Who and where are the people of santo?

They are everywhere, silent in civil servant departments, rooms and meetings in the Esplanada dos Ministérios, on sumptuous spaces of the Palácio do Planalto, among waiters and upper positions workers, in the Brazilian Federal House of Representatives, in the Brazilian Palace of Justice, in the Brazilian Supreme and Superior Federal Court buildings. They are among all, Brazilian Federal deputies, laborers, servers and garbage men. Hand in hand with those who lead Brazil, the people of santo are subordinates and discriminated, between those who order and obey. They are everywhere. They are in every place: in Ceilândia, Taguatinga, Santo Antônio do Descoberto, Guará, Sobradinho, Planaltina and Luziânia.

Autonomous or dependent workers, some of them are so anguished because of life harshness and for being unemployed, that they took refuge in the barracões and they put themselves at the religious services. The barracões, philanthropic centers, mães and pai's casas, also called pão, as the filhos de santo head themselves to Lilico of Oshum. These casas are always open to accept needy people.

Some mães de santo and pais de santo are used to saying they are not doing a philanthropic work for not being distributing soup or participating in a social program. But they must not forget they provide about twenty and thirty meals day-by-day to filhos de santo, agents and newcomers, who many times do not know just where they should go. Then they go to the barracão. Finally they must not forget that their halls and rooms get full of mattress and foam mats in order to shelter those who not have a place to sleep.

Even so every babalorisa and yalorisa interviewed would like to create developing human programs in their barracões, they mainly want educating programs, professional graduating as well as hygiene and health ones. Marco Omolocô defends the creation of a program that teach the spiritual people the leaves hygiene as well as that of amassis, the cleaning of razor, knives and tools.

They also intend the learning of Yoruba, the language in which they utter orocós and sing their orikis. In all barracões Yoruba is used except for barracões of Umbanda.

But where are the people of santo? Those who get good wages and help Candomblé and Umbanda? On the other hand those whose salaries cap are too low that the initiating obligations of one, three, seven, fourteen or twenty years-old are supposed to be shared with solidarity among brothers in the same casa, as a real brotherhood do. Maybe fifty, twenty or two minimum salaries. On the average, the pais de santo and mães de santo admit that their filhos receive two minimum salaries, even if they are unsure and afraid. Their fear does not consist of hurting the filhos who receive a high salary but is that of pushing away the jobs from those who dream about them. The ones who are unemployed.

And what about the black? There are few blacks among the afro-descendant religions and its xirês and giras. There are very few blacks in those religions: about 20% or 30%. Most of them are half-blooded and whites. Even in Sobradinho and Taguatinga, where black population is more representative, the percentage does not change.

The faith and love for the religion commove. The dedication to the orisha is undoubtedly a fact, but to talk about what is holy, only among those who are from this subject. Few people like Francisco de Inasã, Babalorisa Jejê who signs on his ID his spiritual name "Francisco de lansa". Few know the importance of declaring oneself from Candomblé or Umbanda. Many say they are "espíritas". This intend to be understood as a Kardec's doctrine follower, therefore Christian, therefore more accepted.

Lilico da Oshum tells that a group of gospel doctinaires once decided to enter his chácara a Sunday so as to teach their religion to his filhos de santo. The first time they arrived about 8 a.m. Then they arrived the second time and at the last, the third time, Lilico invited all of them and set them around at one of his huge dinner tables. There, they were told that once in a Sunday morning in Lilico's house when he was a child, his father and mother were involved with their children's bath, their children's ears cleaning, overlooking the children's notebooks and whether those people were there, then where were their children? Certainly on the streets, learning bad things.

Lilico ordered them to search for people without religion, because they had a religion and did not need a new one. And like that they were happy. The doctinaires went away and never came back again.

The gospel doctinaire also went to play toward the Railda da Oshum's house, but she did not mind. Then Tonhina do Shango faced a serious problem: although there are pais de santo and mães de santo in their table from the police of Brasília, they are filled of gospel followers and even they themselves tried to stop xirê in Tonhina's casa. The Ogãs in the casa are supporting the situation, but no one knows whether much long. She is afraid of a more effective action because there, where her barracão is set, is too danger. So she fears a serious setback.

The black movement, the revival efforts for the afro-descendant self-confidence and culture are supposed to change the current table in the afro-descendant religious. At the end of 2004, Lilico da Oshum made up in his casa – the Ilê-Axé-D'euí, a wedding between his filha de santo, Ms. Ana Oliveira and the Angolan journalist Artur Arriscado. Recently in the barracões are made weddings, just-born presentation and other religions ceremonies that were always transferred to catholic churches. Justice is done for religions that so many people work for.

And so the Brazilian Federal District already knows its third generation of pai de santo and mãe de santo. Nowadays the barracões are being heading by the filhos-de-santo of the pioneer's filhos de santo. All of them head religious group of pacific people who do not use illicit drugs. In any way, the religion promote harmony into their lives and does its duty of linking them to cosmos as well as the Universe harmony supported by the strength of the orisha's axé, their voodooos and iniquices at the end of the year 2004 and the beginning of 2005.